



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

Stephani Vicentini Andrade

O QUE ENSINA A ESCOLA DA VIDA?: um estudo sobre mídias digitais e discursos sobre educação emocional

Paranaíba/MS

2022

Stephani Vicentini Andrade

O QUE ENSINA A ESCOLA DA VIDA?: um estudo sobre mídias digitais e discursos sobre educação emocional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura

Orientadora: Prof. Dr^a. Juliana do Prado

Paranaíba/MS

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

A571q Andrade, Stephani Vicentini

O que ensina a escola da vida?: um estudo sobre mídias digitais e discursos sobre educação emocional/ Stephani Vicentini Andrade. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2022.

156f.; 30 cm.

Orientadora: Profa Dra Juliana do Prado.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Emoções. 2. Discursos. 3. Mídias digitais. I. Andrade, Stephani Vicentini. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Mestrado em Educação. III. Título.

CDD 23 ed. – 371.334

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

STEPHANI VICENTINI ANDRADE

**O QUE ENSINA A ESCOLA DA VIDA?: um estudo sobre mídias digitais e discursos
sobre educação emocional**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 01/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Juliana do Prado
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Orientadora – Participação por
videoconferência

Prof. Dr. José Antônio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Participação por videoconferência

Profª. Dra. Lara Roberta Rodrigues Facioli
Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Participação por videoconferência

Aos meus pais, que mesmo com todos os desafios que venho enfrentando me deram suporte e acreditaram que eu conseguiria finalizar mais esse ciclo na minha vida. Gratidão por terem me ajudado a não desistir!

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é a finalização de um ciclo e ele não seria possível de ser concretizado sem o apoio dos meus familiares, do meu companheiro e de meus amigos, os quais me acompanharam nesse processo que não foi fácil, pois além dos obstáculos da pesquisa em si, logo no início da pós-graduação o mundo todo vivenciou as consequências de uma pandemia, as quais trouxeram mudanças pessoais inesperadas e dolorosas que me atrapalharam na escrita desse trabalho.

Agradeço a todos que estavam ao meu lado, me acolhendo, ouvindo e me dando suporte da maneira como conseguiam. Vocês foram essenciais nesse período!

À minha orientadora Juliana do Prado pela paciência com o meu processo e pela disponibilidade de me auxiliar com minhas tantas dúvidas, pois foram leituras e conhecimentos totalmente novos para mim. Obrigada por me ajudar a encontrar uma temática que fizesse sentido também com a minha caminhada e minha formação, e por me apresentar tantos autores que me possibilitaram expandir a consciência sobre assuntos tão importante e sobre a própria psicologia que é a minha área de atuação.

Aos membros da banca de qualificação, José Antônio e Lara Facioli, pelas tantas contribuições e sugestões para a melhoria e aprofundamento deste trabalho. O olhar de vocês foi essencial para compreender o que precisava ser revisto e quais rumos era preciso seguir.

Aos colegas de pós-graduação pelas trocas de experiência e conhecimento que foram fundamentais nessa trajetória. E, também, aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Sociologia Digital que propiciaram novas reflexões e entendimento dessa área tão nova para mim. Os momentos de partilha com vocês me acrescentaram muito e me deram forças para continuar!

À CAPES, pelo apoio financeiro concedido a este trabalho.

ANDRADE, Stephani Vicentini. O QUE ENSINA A ESCOLA DA VIDA?: um estudo sobre mídias digitais e discursos sobre educação emocional. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2022.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados finais de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do SUL (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “linguagem, educação e cultura”, vinculada ao Grupo de Pesquisa GEPPE. Com objetivos de analisar como os discursos emocionais se apresentam atualmente para identificar aspectos que permeiam as construções de subjetividades contemporâneas por meio das mídias digitais, optou-se pela metodologia da pesquisa de análise de conteúdo, a qual será realizada em uma plataforma digital chamada The School of Life (TSOL) que é focada no ensino do que denominam de “inteligência emocional através da cultura”. Dentre os resultados alcançados, pode-se sintetizar que existe um passo a passo construído pela TSOL, em que disponibilizam técnicas e métodos para ensinar as pessoas a viverem uma vida mais feliz, saudável, bem-sucedida e equilibrada. Os conteúdos são programados e transmitidos via mídias digitais, sendo uma forma de captar consumidores e uma ferramenta de ensino para promover educação emocional, compreendida como uma maneira de administrar as emoções no âmbito profissional e na vida pessoal. Assim, conclui-se que os discursos dessa escola eliciam práticas culturais diárias que levam a esse manejo de si mesmo, configurando-se como uma pedagogia cultural das emoções e apontando para a formação de um mercado emocional, o qual constrói subjetividades contemporâneas voltadas a um sujeito produtivo e que saiba gerir-se emocionalmente, o qual se adequa ao universo do trabalho e, também, a um contexto de capitalismo afetivo, a fim de se tornar desejável no âmbito amoroso.

Palavras-chave: Emoções. Discursos. Mídias digitais. Educação. Subjetividade.

ANDRADE, Stephani Vicentini. O QUE ENSINA A ESCOLA DA VIDA?: um estudo sobre mídias digitais e discursos sobre educação emocional. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2022.

ABSTRACT

In this dissertation, we present the final results of a Master's in Education research developed together with the Postgraduate Program in Education of the State University of Mato Grosso do SUL (UEMS), University Unit of Paranaíba, in the research line “language, education and culture”, linked to the GEPPE Research Group. In order to analyze how emotional discourses are currently presented to identify aspects that permeate the constructions of contemporary subjectivities through digital media, the methodology of content analysis research was chosen, which will be carried out on a digital platform called The School of Life (TSOL) which is focused on teaching what they call “emotional intelligence through culture”. Among the results achieved, it can be summarized that there is a step-by-step approach built by TSOL, in which they provide techniques and methods to teach people to live a happier, healthier, more successful and balanced life. The contents are programmed and transmitted via digital media, being a way to capture consumers and a teaching tool to promote emotional education, understood as a way to manage emotions in the professional and personal life. Thus, it is concluded that the discourses of this school elicit daily cultural practices that lead to this self-management, configuring itself as a cultural pedagogy of emotions and pointing to the formation of an emotional market, which builds contemporary subjectivities aimed at a productive subject who knows how to manage himself emotionally, which is suited to the world of work and, also, to a context of affective capitalism, in order to become desirable in the love sphere.

Keywords: Emotions. Speeches. Digital media. Education. Subjectivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Pirâmide de Necessidades de Abraham Maslow	53
Tabela 1. Cursos da The School of Life no período de abril, maio e junho de 2021	55
Tabela 2. Comentários dos alunos da The School of Life sobre os cursos realizados	61
Tabela 3. Serviços personalizados oferecidos para empresas.....	75
Tabela 4. Serviços particulares da The School of Life (abril de 2021)	63
Diagrama 1. Informações sobre as redes sociais (abril de 2021).....	64
Tabela 5. Vídeos mais visualizados do canal da The School of Life no YouTube no período de um ano	65
Tabela 6. Algumas temáticas dos textos do Blog da The School of Life.....	66
Diagrama 2. Desenvolvimento da Inteligência Emocional para a The School of Life	70
Tabela 7. Habilidades emocionais trabalhadas nos workshops da The School of Life	80

SUMÁRIO

Introdução	11
Mídias digitais inseridas em contextos sociais	20
Metodologia	25
1. Emoções: conceito histórico-social	29
Para um entendimento da administração das emoções	33
O ensino da administração das emoções e seus desdobramentos atuais	37
Uma pedagogia cultural das emoções?	40
2. A Escola da Vida?	43
Descrição dos princípios da The School of Life no Brasil	43
Serviços digitais da The School of Life	54
O ensino de habilidades emocionais na The School of Life	67
3. A Escola da Vida para empresas	74
As 20 habilidades emocionais do século XXI	80
O trabalho e a estrutura do mercado	83
Considerações Finais	86
Referências	88

Introdução

O desenvolvimento dessa pesquisa se consolidou pelo meu interesse em estudar e compreender a subjetividade, o qual teve início com meu objeto de estudo da monografia, na formação em psicologia, em que estudei as relações de interdependência e as transformações na subjetividade de acordo com as diversas formas de organização da estrutura social. Diante disso e do acesso as novas leituras e percepções de outras áreas, para além da psicologia, possibilitadas pela pós-graduação, suscitou-me a necessidade de pesquisar e estudar as subjetividades contemporâneas, a partir dos estudos das mídias digitais.

Essa ampliação do entendimento da constituição e transformação da subjetividade e das mídias digitais, principalmente por conta dos estudos da Sociologia Digital, tornou possível para mim a compreensão de que as análises precisam ser mais abrangentes, envolvendo toda a complexidade desses fenômenos. É preciso considerar que as diversas relações surgem diante de um contexto social, histórico, político, cultural e tecnológico. E as mudanças na subjetividade e nas mídias acontecem de forma mútua, relacional e mediada. Nas palavras de Miskolci e Balieiro (2018, p. 149):

A relação indivíduo-sociedade tem sido transformada por meio de sua organização mediada em rede, sobretudo pela criação de novos eixos de identificação e afinidade que – até o presente momento – parecem passar dos macrorreferentes, como a nação, para os microrreferentes, como os envolvendo experiências pessoais referentes ao gênero, a sexualidade e a raça, por exemplo.

Além disso, o aspecto emocional presente nas mídias digitais, de acordo com estes autores, pode acabar por fortalecer uma perspectiva individualista. Com relação a isso, Turkle (2011) também demonstra que há um forte investimento emocional que impulsiona os usos dessas mídias, os quais modificam nossas relações e são voltadas ao controle destas, dos próprios sentimentos e do outro. Mas, ao discorrer sobre esse uso emocional, ela aponta que ele ocorre devido às circunstâncias sociais, por exemplo, quando menciona sobre a possibilidade de os robôs assumirem o papel de cuidado de idosos e crianças para suprir essa necessidade, isso aconteceria pela falta de tempo das pessoas, devido à forma como a sociedade se estrutura. Esses estudos mostram que os usos não são guiados por um simples determinismo técnico, mas envolvem questões sociais, históricas, econômicas e culturais mais profundas e complexas, reforçando o quanto esse campo se torna um rico objeto de investigação das subjetividades.

Portanto, esse estudo busca analisar como os discursos emocionais se manifestam atualmente e como o uso das mídias digitais pode fortalecer e transmitir essas novas concepções sobre as emoções. A partir disso, observar como essas mídias vêm sendo utilizadas como modalidade de ensino para promover educação emocional, compreendida como uma maneira de manejar e administrar as emoções nas áreas profissionais e na vida pessoal. Para tal, será realizada uma pesquisa de análise de conteúdo online¹ de uma plataforma digital chamada The School of Life², a qual, segundo seus administradores, é focada no ensino do que denominam de “inteligência emocional através da cultura”, a partir de cursos, programas, aulas interativas, livros, coaching, psicoterapia e outros serviços que ensinam as pessoas a viverem uma vida mais satisfatória. Foram encontradas diversas plataformas que se propõem a esse formato de ensino, mas esta foi escolhida por existir há 13 anos, por ter um grande alcance e atender diversos públicos (pessoas e empresas).

O site da The School of Life é composto por 9 abas principais e 7 delas possuem sub abas, sendo elas: home (blog e vale presente), eventos (todos, aula, aula especial, eventos especiais, intensivo e workshop profissional), calendário (descubra o que está acontecendo), para empresas (workshop de habilidades emocionais, bem-estar emocional, encontros de conversas, jornada de liderança, palestras e contato), terapia (psicoterapia, terapia de casal, coaching de vida e carreira e biblioterapia), quem somos (contato, valores e visão, aluguel de espaço, equipe), articles – este redireciona para a página de artigos da TSOL de Londres, vídeos – este redireciona para o YouTube, shop (all, new, best sellers, gift sets & vouchers, books, games & card sets, lifestyle, kids, theme, classes, sale). O contato pode ser realizado via e-mail ou WhatsApp.

Ao pesquisar as informações do CNPJ pela Google³ aparece que o nome dessa empresa é cadastrado como “THE SCHOOL OF LIFE ESCOLA DE FILOSOFIA LTDA”, seu nome fantasia é TSOL e é uma sociedade empresária limitada. Suas atividades são registradas como “Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente” que é a categoria utilizada para denominar “os professores de reforço autônomos (bancas) ou empresas individuais deste segmento e cursos básicos de

¹ Houve uma tentativa de entrar em contato com os gerenciadores da plataforma para uma possível realização de entrevista online, no entanto não tivemos retorno.

² Além dos conteúdos do site da The School of Life, outras redes sociais como YouTube, Instagram e o Blog também serão analisados para entender como são formados o seu público-alvo.

³ Empresa americana de tecnologia multinacional, a qual disponibiliza na internet um mecanismo de busca sobre qualquer tipo de informação.

requalificação profissional (sem relação com o grau de escolaridade prévio e sem regulamentação do currículo)”⁴. Ou seja, é um formato de ensino que não exige nenhuma formação prévia e não há nenhuma instância que os regule. Além desta, há subcategorias sendo elas: comércio varejista de livros, comércio varejista de artigos de papelaria, comércio varejista de discos, CDs, DVDs e fitas, e agenciamento de espaços para publicidade, exceto em veículos de comunicação.

A TSOL se denomina como uma escola que auxilia as pessoas a viverem melhor, em suas palavras: “é um espaço com recursos para nos ajudar a compreendermos a nós mesmos, para melhorar nossos relacionamentos, nossas carreiras e nossas vidas sociais, além de nos ajudar a encontrar a tranquilidade e aproveitar mais nossas horas de lazer” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Ela surgiu em Londres em 2008, mas se expandiu e tem sede em diversos países. No Brasil, o que consta no site é que ela funciona desde 2013 em São Paulo, mas foi cadastrada como uma empresa apenas em 2017 pelas sócias-administradoras Diana Gabanyi e Jacqueline Coelho de Botton. Os sites online são individuais para cada sede e o próprio navegador reconhece a localidade da qual está sendo acessada, por exemplo, ao entrar no site da escola de Londres automaticamente aparece uma mensagem de aviso para que o usuário clique e seja redirecionado para o site do seu país.

Segundo o que está descrito no site da TSOL, o filósofo Alain de Botton foi responsável pela criação da instituição em Londres e é presidente dela, sendo reconhecido como um “filósofo da vida cotidiana”. Ele também é escritor de diversos livros e possui uma empresa social de construção de casas. Na aba “home” do site do Brasil há um vídeo dele falando sobre como no mundo moderno vivemos situações que geram emoções diversas muito rapidamente e, portanto, a TSOL aparece como um espaço de troca de experiências, ideias e aprendizado em um clima de comunidade e amizade. A escola, segundo ele, incita-nos a questionar se estamos vivendo o que realmente gostaríamos e o porquê vivemos de tal forma, levando as pessoas a pensarem sobre si mesmas, seus propósitos e valores pessoais. Nesse mesmo vídeo Alain de Botton fala sobre a sede do Brasil, afirmando que “A The School of Life oferece uma arena onde os problemas de ser brasileiro, de morar no Brasil neste momento, podem ser discutidos numa atmosfera de compaixão”.

⁴ Consulta CNPJ Tsol|The School Of Life Escola de Filosofia LTDA.

Para entender melhor quais são as percepções de mundo do criador da TSOL, ao pesquisar no Google o site Fronteiras do Pensamento⁵ é o primeiro que aparece, no qual há, em formato de texto, um compilado de três vídeos de Alain de Botton, que abordam alguns temas que também são trabalhados em sua escola. Em sua perspectiva, o mundo de hoje oferece muitas opções de escolha, por isso estamos sempre insatisfeitos e se questionando como seria se optássemos pelo outro caminho, o que ele chama de uma “epidemia de mal-estar mental”, a qual as pessoas não aceitam errar e se cobram por não serem boas em tudo, ideias que para ele surgem da vida americana. Nas palavras de Alain de Botton: “Alegria não é ganhar 10 milhões de dólares, é poder beber com um amigo, ter uma refeição que acabe bem, terminar o dia sem que ninguém tenha morrido, em que não tenha havido nenhuma crise”.

Diante disso, o grande desafio da vida moderna, segundo Botton, é criar a própria identidade. Antes, na sua perspectiva, essa identidade era transmitida de forma geracional por exemplo, era mais lento, mas hoje essa possibilidade de viajar e misturar culturas faz com que tudo mude e seja mais rápido, conseqüentemente as pessoas têm mais crises de identidade e vivem em uma tentativa de se encontrar. Nessa perspectiva de Botton, as opções de escolha da própria identidade são muitas e ao mesmo tempo que isso traz liberdade, também leva ao sofrimento, porque as pessoas ficam sob controle do arrependimento e se perguntam “porque esse trabalho e não o outro, porque esse relacionamento e não o outro”, ou seja, duvidam o tempo todo das escolhas. Para ele, é por isso que os mais velhos se sentem mais felizes, pois as possibilidades de escolha da identidade são reduzidas.

O que Botton chama de felicidade são apenas alguns momentos de prazer e satisfação, em suas palavras não é algo estável como é propagado pelos EUA, onde as pessoas acham que podem ser felizes por longos períodos. Para ele o otimismo é um problema e o mais correto seria uma visão de mundo pessimista, como forma de preparação para não haver desapontamento. Ele compara o que os poetas chamam de momentos de poesia, que seriam os pequenos momentos de felicidade, com o que a religião católica chama de momentos de graça. Há uma concepção de que a religião é didática e orienta para questões cotidianas, que em suas palavras difere das universidades, pois elas não lidam com sobre os problemas diários das pessoas. Entende-se que a religião foi criada para auxiliar em “aterrorizantes graus de dor, que surgem da nossa

⁵ Alain de Botton - Alain de Botton: por que não nos contentamos com uma vida comum? | Fronteiras do Pensamento.

vulnerabilidade ao fracasso profissional, a relacionamentos problemáticos, à morte de entes queridos e a nossa decadência e morte” (ALAIN DE BOTTON, 2021).

A equipe de profissionais da TSOL é composta por 20 pessoas de diferentes áreas de atuação, sendo elas: medicina, coaching, psiquiatria, administração, economia, jornalismo, psicologia, marketing, física, filosofia, história, sociologia, pedagogia, advocacia, ator, escritor, professor, empreendedor, líderes, diretores e executivos de empresas. Há uma aba que descreve todas as pessoas que fazem parte da equipe e em cada uma delas há um texto informando as diversas formações e atuações dos profissionais. Geralmente os currículos são extensos e são realizadas várias atividades dentro e fora da TSOL. A filosofia indiana budista, a prática de Mindfulness⁶ (atenção plena) e a filosofia das artes marciais orientais chamam a atenção nas descrições, pois aparecem como práticas que guiam as equipes de aprendizagem.

Como o próprio nome sugere a proposta é educar para a vida, ensinar como as pessoas podem viver melhor se tiverem inteligência emocional. Existem 6 pilares que norteiam todas as atividades desenvolvidas, sendo estes: autoconhecimento, relacionamentos, trabalho, calma, sociabilidade, cultura e lazer. Para a TSOL o autoconhecimento é visto como o pilar para se chegar à uma vida em que as pessoas se sintam mais realizadas, mas os serviços são relacionados a todos esses assuntos mencionados acima. É uma linguagem que leva o leitor a entender que lidando com as próprias emoções é possível viver uma vida mais satisfatória. Em suas palavras: “De lá para cá, já inspiramos inúmeras pessoas a mudarem de carreira, a aprofundar e consertar relacionamentos, a desenvolver resiliência e compaixão, a ir atrás das suas paixões, a lidar com mudanças e a se encontrar na escrita” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021).

A TSOL entende que cada pessoa aprende de uma forma, por conta disso para abranger mais pessoas os formatos e temáticas de ensino são diversos. Além do atendimento presencial é oferecido uma diversidade de conteúdos, vídeos, aulas, workshops, dentre outros serviços, na plataforma online (formato que se desenvolveu ainda mais por conta da pandemia ocasionada pelo vírus da COVID19⁷). A maior parte dos cursos tem 2 horas de duração e não custa menos do que 198,00. Há também possuem produtos de papelaria, jogos, presentes e livros. Os vouchers (vale presente) são

⁶ Mindfulness ou atenção plena é a prática de estar no momento presente de maneira consciente e mais focada.

⁷ Pandemia que se espalhou pelo mundo todo no final de 2019/início de 2020 e se estende até o momento desta pesquisa, ocasionando no isolamento da maior parte da população, o que gerou um aumento do ensino remoto e à distância.

disponibilizados para que pessoas ou empresas comprem e presenteiem alguém com qualquer serviço disponível no site.

O conceito de habilidades emocionais, para a The School of Life, é utilizado para se referir as competências necessárias que os indivíduos devem adquirir ao longo da vida para que saibam se relacionar consigo mesmo, com o outro, tenham sucesso profissionalmente e se sintam realizados pessoalmente. Em suas palavras: “Nós acreditamos que a jornada rumo a realização pessoal começa com o autoconhecimento. É apenas quando temos noção de quem realmente somos que podemos tomar decisões confiáveis, especialmente em termos de amor e trabalho” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021).

Os conteúdos dos cursos abordam vários âmbitos da vida, como trabalho, amor, sociedade, família, cultura e autoconhecimento. Alguns exemplos das aulas online são: “Ressignificando seu propósito com o trabalho”, pois é a partir dele que as pessoas encontram motivação e satisfação na vida, “Autocompaixão e autocuidado”, as aulas focam bastante nessa questão do cuidado de si mesmo, “Autoconhecimento e saúde emocional”, como forma de compreensão das próprias emoções e comportamentos, “A escrita de um diário” que é uma ferramenta utilizada para expressão, “Como encontrar o amor” para escolher melhor os parceiros e “Objetividade e o viés inconsciente” que possibilita ter mais clareza e autoconsciência sobre os desafios emocionais que aparecem na vida.

A TSOL enfatiza que essas habilidades emocionais são ensinadas através da cultura porque utilizam de diferentes referenciais, como o filosófico, literário, psicológico e até o das artes visuais, os quais possibilitam novas formas de pensar, sentir e se relacionar em sociedade⁸. Ou seja, ensinam a partir do que foi produzido socialmente – com livros, escritos, poemas, produções cinematográficas, músicas, esculturas etc. Assim como os profissionais que trabalham nessa escola também possuem diferentes áreas de formação, estudo e atuação. No site está descrito que essas habilidades deveriam ser ensinadas em diversos espaços, como na escola tradicional, na universidade, dentro das empresas e levando em consideração todas as esferas da vida.

Por fim, como forma de sintetizar o que foi trazido até aqui, através de todos os seus serviços essa escola relata que se propõe a ensinar as pessoas a terem uma vida mais equilibrada, com relações interpessoais saudáveis, se comunicando melhor com todos a

⁸ <https://www.theschooloflife.com/saopaulo/quem-somos/>

sua volta, a se encontrarem em si mesmas, ou seja, a se autoconhecerem e a identificarem qual é o trabalho que trará uma autorrealização em conjunto da noção de cumprir um propósito que ele exercerá para o indivíduo, pois só assim os trabalhadores estarão mais motivados e serão mais produtivos e eficientes. Nessa perspectiva, se conhecer depende de cada pessoa individualmente, a TSOL se apresenta somente como uma via de ensino e acompanhamentos (terapias, coaching etc.), mas a mudança ela é interna, na mente. Ao contrário do que fala Alain de Botton, o site do Brasil traz muito enfoque para a questão do otimismo e de uma vida mais feliz.

No espaço físico da TSOL, além da utilização para desenvolvimento dos serviços próprios existe a opção de alugar o espaço para profissionais de fora atenderem suas demandas, tanto individuais, quanto em grupo e, também o disponibilizam para eventos, workshops, reunião, aulas, cursos, cafés e exposições. No site online e em todas as suas redes sociais são divulgadas as aulas interativas, workshops, cursos, eventos e conteúdo digital dos mais variados temas. Também o fazem com a psicoterapia, coaching de vida e carreira, biblioterapia e terapia de casal. A maioria é feito nas duas modalidades, presencial ou online, além do foco ser tanto para empresas, quanto para pessoas. Portanto, as mídias digitais servem como forma de divulgação dos serviços (captação de clientes) e como o meio onde também ensinam – a plataforma ZOOM⁹ é utilizada para a reprodução de suas aulas.

As mídias digitais servem como uma ferramenta de ensino e de expansão do público da TSOL. Diante do que foi exposto, como forma de captar os discursos sobre emoções presentes na The School of Life, será levado em questão os seguintes questionamentos: O que eles têm ensinado? Que tipo de escola se propõem a ser? Quais discursos utilizam? E quais os objetivos nesse formato de ensino?

A partir desses estudos é possível demonstrar os aspectos que permeiam as construções de subjetividades contemporâneas por meio das mídias digitais. Esse movimento de aprendizado e transformação acontecendo na internet possibilita a formação de novos sujeitos, que podem ser entendidos sob a ótica do que Foucault (1994) chamou de técnicas de si, as quais

permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser, de transformarem-se, a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. (p. 2)

⁹ ZOOM é uma plataforma de vídeo conferência remota, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel.

Diante desta perspectiva, as mídias digitais podem ser interpretadas como uma das formas de tecnologia de si, a qual constrói discursos que organizam e administram sujeitos. E, no caso da The School of Life, utilizam desses meios digitais para construir discursos e impulsionar as pessoas a estarem aptas ao trabalho e ao amor dentro da sociedade em que estão inseridos. Ou seja, ensinam a gerir as emoções para que seja possível alcançar uma vida profissional e pessoal mais adequada, a partir de modelos estabelecidos do que seriam as condutas “ideais” atualmente.

Existe uma relação de mão dupla que se estabelece entre discurso, cultura e emoções. Em suma, são os estudos culturais que contribuem para refletir que o discurso sempre evocará uma prática (HALL, 2003). O que quer dizer que estudar os discursos contidos no conteúdo da TSOL é entender quais são as práticas culturais que eles evocam no que diz respeito ao manejo das emoções.

Portanto, além da análise de conteúdo digital da TSOL, será realizada uma conceituação histórica e social das emoções. Esse estudo se propõe a fazer uma reflexão sociológica das emoções para, posteriormente, refletir e relacionar com a maneira que a TSOL ensina habilidades emocionais através das mídias digitais¹⁰. Segundo Elias (1994), o processo civilizador, isto é, o desenvolvimento dos seres humanos desde a época medieval, passando por todos os períodos históricos, se dá de forma social e coletiva, o qual vai se moldando até culminar em um maior entendimento e controle das emoções, o que acaba por transformar os comportamentos, padrões, regras e normas da sociedade. Observando comportamentos básicos, como por exemplo, de como as pessoas mudaram os hábitos de se portar à mesa, o autor demonstra como os indivíduos desenvolveram a consciência, a partir das relações sociais que vão dando significado a todas as coisas, das mais elementares até as mais complexas. Em suas palavras:

Coisa alguma nas maneiras à mesa é evidente por si mesma ou produto, por assim dizer, de um sentimento "natural" de delicadeza. A colher, garfo e guardanapo não foram inventados como utensílios técnicos com finalidades óbvias e instruções claras de uso. No decorrer de séculos, na relação social e no emprego direto, suas funções foram gradualmente sendo definidas, suas formas investigadas e consolidadas. Todos os costumes no ritual em mutação, por mais insignificantes, estabeleceram-se com infinita lentidão, até mesmo formas de comportamento que nos parecem elementares ou simplesmente "razoáveis", tal como o costume de ingerir líquidos apenas com a colher. (p. 116)

¹⁰ As mídias digitais são o campo de pesquisa e, também, o instrumento onde será coletado os dados para as análises.

O que Elias (1994) deixa claro em sua teoria é que o desenvolvimento social e psicológico dos seres humanos se dá de forma integrada e interdependente. É a partir das relações sociais, as quais envolvem fatores históricos, econômicos, políticos e culturais que as pessoas passam a ter consciência dos processos que vivenciam e com isso começam a dar forma a uma certa individualidade, esta que também passa a influenciar as transformações da estrutura social. Portanto, para entender como as emoções se desenvolveram e porque são ensinadas de tal forma atualmente, é necessário ir além e se apropriar desse processo como um todo, principalmente das mudanças sociais, levando também em consideração questões de raça, classe, gênero e sexualidade.

A transmissão dos modelos de uma unidade social a outra (...) deve ser considerado, em todo o processo civilizador, como um dos mais importantes dos movimentos individuais. O que os exemplos mostram é apenas um segmento limitado desses movimentos. Não apenas as maneiras à mesa, mas também formas de pensar ou falar, em suma, do comportamento em geral, são moldadas de maneira semelhante em toda a França, mesmo que se observem diferenças importantes no tempo e estrutura de seus padrões de desenvolvimento. A elaboração de um dado ritual de relações humanas no curso do desenvolvimento social e psicológico não pode ser isolada. (p. 116/117)

Com relação ao que acontece na TSOL é possível relacionar a ideia de um trabalho emocional. Tal conceito, como explica Bonelli (2003), foi introduzido no campo da sociologia em pesquisas sobre administração e controle das emoções em cenários profissionais e é definido como o “(...) processo no qual as pessoas tomam como referência um padrão de sentimento ideal construído na interação social, e procuram manusear e administrar suas emoções profundas para adequá-las a essa expectativa quando não estão sentindo assim internamente” (p. 357). O conceito de trabalho emocional nesse caso é direcionado às áreas do amor e do trabalho, em que um campo se relaciona com o outro. Essa influência é cultural e social, advinda das transformações no mundo do trabalho e do amor, as quais são, inclusive, trazidas pelas tecnologias. Além disso, esse manejo de forma institucionalizada tem como objetivo a obtenção de lucro financeiro e isso é exatamente o que ocorre na TSOL com a venda de seus diversos produtos.

Ademais, com o desenvolvimento do capitalismo, das tecnologias, da ciência e da informação, segundo Illouz (2011), vão surgindo novas concepções do eu e da raiz dos problemas emocionais, advindas principalmente da psicanálise, da psicologia, da literatura do aconselhamento e do feminismo. O aspecto social e o afetivo se entrelaçam e, por conta disso, métodos e ferramentas são criados para gerenciar os sentimentos e

comportamentos das pessoas. É nesse cenário que o discurso emocional ganha força, pois nesse momento para que a economia e as relações de mercado se desenvolvam da melhor forma, visando o lucro, o controle das emoções se torna um diferencial a ser conquistado.

Com as análises dos serviços da The School of Life simultaneamente à conceituação teórica das emoções, espera-se ser possível verificar se está acontecendo uma espécie de pedagogia cultural das emoções, termo este utilizado nos estudos de Sabat (2001) para compreender como a publicidade nas mídias televisivas são um espaço de aprendizagem, este será discutido mais adiante de forma detalhada. Em suas palavras, essa pedagogia se refere a:

um determinado tipo de currículo que opera através de uma lista de procedimentos e técnicas voltados para produzir e reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais diretamente conectadas com o tipo de sociedade na qual estão inseridos. É, sem dúvida, uma forma de regulação social que tem funcionado no sentido de manter tipos de espaços de segregação de gênero e de sexualidade. (p. 20/21)

Em suma, esse formato de pedagogia se manifesta na TSOL pois existe um passo a passo que é construído para se alcançar esse ideal de pessoa, de como viver a vida e há toda uma programação de determinados conteúdos para serem transmitidos via mídias digitais como forma de captar consumidores e ensinar essas pessoas a viverem uma vida mais feliz, configurando essas mídias como uma ferramenta de ensino. Diante disso, é perceptível que seus discursos tendenciam a produzir práticas diárias que se adequam a uma população específica e propaga formas de se relacionar e de experienciar as situações da vida voltadas a esse público.

Visto isso, diante do cenário atual de transformações, perdas de direitos, no qual os empregos estão sendo cada vez mais precarizados, o ensino tradicional continua envolto de diversas problemáticas com relação a qualidade e as tecnologias estão cada vez mais inseridas em todas as áreas da vida, inclusive no papel de ensinar. Torna-se de extrema importância um debate mais consistente, interdisciplinar e crítico com relação a essa forma de sociedade e ao que se entende por ensino, incluindo o aspecto emocional. Ainda mais agora com a pandemia, em que as mídias digitais vêm tomando um lugar de destaque no que diz respeito a educação e formação.

Mídias digitais inseridas em contextos sociais

A internet existe há pouco mais de 20 anos no Brasil, e mesmo com os avanços da sociedade ainda é distribuída de forma desigual. Não é toda a população que tem acesso ilimitado ao seu uso, sendo este um fator importante a se considerar nas pesquisas. Segundo Miskolci (2011) “O acesso ou não às mídias digitais não cria duas experiências paralelas, mas relacionadas e interdependentes em sua própria desigualdade” (p. 12). Por mídias digitais entende-se tanto as conexões em rede, quanto os equipamentos eletrônicos utilizados para tal. O mesmo autor ressalta a importância de se compreender o contexto em que foi inserido essas mídias, assim como o que foi anterior a elas. Isso porque a inserção das redes possibilita novas formas de se relacionar com o outro e ressignifica essas relações, com base em todo um contexto histórico-cultural, social, político e econômico. Ao contrário das outras mídias (rádio, televisão etc.), as atuais (Instagram, YouTube etc.) permitem a experiência de viver na rede o que tende a modificar ainda mais as relações sociais.

A inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) foi permeada de controvérsias. Desde o início, o jornalismo e até mesmo os psicólogos focalizaram nos aspectos negativos do uso da internet. O isolamento, a solidão e os vícios eram, e ainda são muito discutidos (NICOLACI-DA-COSTA, 2002). Em contrapartida, outros autores defendem uma visão totalmente positiva, ou seja, acreditam que a internet seja a salvação para a educação e que ela por si só possibilite uma transformação social, o que Buckingham (2007) aponta como característica do determinismo tecnológico. De um lado, elas são totalmente prejudiciais e de outro se apresentam como a resolução de todos os problemas. Nas pesquisas é preciso desviar desse determinismo para não fazer uma análise simplista e técnica sobre as mídias digitais. É primordial levar em consideração a historicidade e o aspecto social dos seus usos.

Portanto, diante dessas análises das diversas variáveis históricas, culturais e sociais pode-se obter conclusões mais próximas da realidade em si com relação às tecnologias. Como forma de ir além do determinismo, Williams (1974) aponta que não é possível uma concepção restrita.

Trata-se de pensar a determinação não como uma única força ou única abstração de forças, e sim como um processo em que fatores determinantes reais – a distribuição de poder ou de capital, a herança social e física, as relações de escala e de tamanho entre grupos – colocam limites e exercem pressões, mas não controlam nem preveem completamente o resultado de uma atividade complexa dentro ou nesses limites, sob ou contra essas pressões. (p. 139)

Nessa mesma linha de raciocínio, Mackenzie e Wajcman (1999) discorrem sobre como há diversas influências no desenvolvimento e nas mudanças tecnológicas, demonstrando que as conclusões deterministas sobre as mídias digitais, como por exemplo, no sentido de serem boas ou ruins e gerarem um comportamento ou outro são incompletas, pois não é tão simples prevê-las já que dependem de condições sociais e culturais mais amplas e complexas que estão em constante movimento. Em suas palavras “A modelagem social da tecnologia é, em quase todos os casos que conhecemos, um processo no qual não existe uma única força modeladora dominante”¹¹ (p. 28). Eles apontam o Estado, a ciência, a área tecnológica em si, a economia e o âmbito social como esferas que moldam os usos das mídias digitais, mas os quais também são moldadas por elas.

Essa modelagem social da tecnologia percorre os discursos sobre as mídias digitais, bem como a própria maneira que a utilizamos. No entanto, o determinismo tecnológico, segundo Mackenzie e Wajcman (1999, p. 5) “remove um aspecto vital de como vivemos da esfera da discussão pública, escolha e política”¹². Ou seja, nos faz acreditar que a única possibilidade é aceitar as transformações, retirando o aspecto ativo que os sujeitos e as relações sociais podem ter com relação às mudanças tecnológicas. Os avanços só são possíveis com o envolvimento nos processos, e como relembra os mesmos autores: “Mudar a tecnologia sempre será apenas um fator entre muitos outros: político, econômico, cultural, e assim por diante”¹³ (p. 3).

Assim como Mackenzie e Wajcman (1999) citam o mecanismo de modelagem de gênero, raça, entre outros, da tecnologia, é possível observar uma modelagem das emoções no formato de ensino da *The School of Life*. Um exemplo dessa modelagem de gênero é a perpetuação da desigualdade entre homens e mulheres, as quais demoraram mais para adentrar ao universo tecnológico, pois quem impulsionou seus avanços foi o militarismo amplamente dominado por homens. Já a modelagem étnica pode ser percebida na predominante veiculação de imagens de pessoas brancas nas mídias digitais, como forma de ressaltar ainda mais a soberania sobre os negros. Ou seja, a subjetividade é moldada pelos usos das mídias digitais, mas de acordo com o que já existe na sociedade e que está culturalmente enraizado, sendo uma extensão dela.

¹¹ Tradução minha.

¹² *Idem*.

¹³ *Idem*.

Nesse sentido, a The School of Life utiliza os recursos das mídias digitais para ensinar habilidades emocionais, isto é, para construir discursos que são voltados ao gerenciamento das próprias emoções, tendo como objetivo modelar as subjetividades contemporâneas para adaptar os indivíduos à estrutura social vigente. É uma forma de educar as pessoas a regularem suas vidas pessoais e profissionais de acordo com a lógica do mercado. Nesse cenário identifica-se claramente a relação entre a tecnologia e a sociedade, pois a utilização das mídias digitais está interligada com aspectos culturais, sociais, históricos, políticos e econômicos.

Diante dessas reflexões, observa-se que a cultura tem um papel de destaque nas transformações tecnológicas, nas palavras de Hall (1997, p. 22) “a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo”. Esse autor demonstra como a cultura faz a mediação dos processos sociais, principalmente com relação à mudança estrutural e das mídias digitais, as quais possibilitaram a globalização do mercado, delineando novas formas de se relacionar, pensar, sentir e se comportar. Ele descreve como há uma ligação entre o aspecto local e o global que suscita modificações na sociedade como um todo e que se intensifica porque “a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos – e mais imprevisíveis – da mudança histórica no novo milênio” (p. 20).

Essa complexificação cultural dificulta as análises e coloca em evidência diferentes contradições, além de expor falhas em teorias que são mais técnicas e deterministas, as quais não levam em consideração as tantas variáveis que influenciam nos processos. Um exemplo disso é quando Hall (1997) discorre sobre o mundo globalizado, em que muitos chegam a considerar a possibilidade de tudo se tornar único e padrão para todos, no entanto, não é tão simples assim, pois a divergência e a desigualdade também impulsionam transformações. O ser humano, enquanto ser social ativo não é estático, está em constante mudança, as quais podem produzir “reações culturais conservadoras, fazendo parte do retrocesso causado pela disseminação da diversidade efetuada pelas forças da globalização cultural” (p. 20), ou seja, os movimentos são a todo momento contraditórios e de amplas possibilidades.

Nesse sentido, é possível refletir sobre o fato de a TSOL ter sido fundada em Londres e ter se expandido para diversos países. Para que isso fosse possível foi necessário realizar um movimento de adaptação dos conteúdos para a realidade de cada país e em cada um há reações diferentes com relação a receptividade dos temas e metodologias de trabalho. No Brasil, por exemplo, a plataforma tenta parecer inclusiva,

dialogar com todos, mas não são todas as pessoas que conseguem ter acesso aos cursos e workshops, assim como a realidade que transmitem não se adequam a de qualquer indivíduo, pois muitos não podem fazer a escolha de transitar tão facilmente de profissão por exemplo.

No âmbito pessoal as mídias digitais facilitam a exposição, pois elimina os desconfortos das relações face a face, tornando-as mais voláteis, em contrapartida a centralidade que a cultura assume nesse meio torna possível uma “mecânica da própria formação da identidade” (HALL, 1997, p. 23). As formas de controle tomam novas proporções, por exemplo, a busca pela identificação de padrões comportamentais possibilita criar diferentes alternativas de como aumentar o consumo no mercado. Os algoritmos vão se tornando cada vez mais complexos e inteligentes devido ao acúmulo de informações sobre as pessoas, ou seja, estão altamente desenvolvidos e vão sendo utilizados para diversos fins. Além disso, a constituição da subjetividade também é observada pelo seu aspecto cultural, pois são as relações sociais e nossas conexões ao longo da vida que nos formam enquanto sujeitos. Portanto,

devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades, são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico. (HALL, 1997, p. 26/27)

Assim sendo, as pesquisas relacionadas as mídias digitais, como reforça Miskolci (2011), precisam focar na forma como os indivíduos fazem uso delas e os porquês, relacionando com a história de vida do sujeito e o contexto social, “dentro de um contínuo articulado e interdependente” (p. 16) e não separado da vida off-line. A relação com outras pessoas é um dos principais motivos de utilização das redes, e estas possibilitam uma infinidade de formas de interação. Isso é observado principalmente nas crianças e adolescentes, os quais são excluídos da esfera pública adulta e buscam na internet a socialização e identificação com seus iguais (FACIOLI, PRADO, 2018).

A internet, portanto, é vista como um espaço público, em que as pessoas se relacionam, compartilham vivências e informações, ou seja, se tornam visíveis e participam da esfera pública, o que atrai muitas crianças/adolescentes que foram privados desses espaços de sociabilidade no *off-line* (BOYD, 2014). É um local que possibilita uma certa liberdade e em que se entende a cultura para além do ambiente físico, pois dentro dessas relações nas redes criam-se valores, crenças, padrões de conduta, enfim,

transforma-se a subjetividade dos indivíduos. No entanto, como ressalta Williams (1974), ela precisa ser compreendida historicamente, pois “a tecnologia será provavelmente articulada com grupos específicos de interesse e dentro de certa ordem social” (p. 5).

Metodologia

A metodologia empregue neste estudo é a análise de conteúdo online da plataforma The School of Life e para interpretação desses dados será realizada uma pesquisa teórico-conceitual sobre como as emoções se desenvolvem e se moldam a partir do contexto histórico, social e cultural. O ensino aqui é entendido de forma mais abrangente e não restrito ao âmbito escolar, mas como um processo que ocorre durante toda a vida, e que com a inserção da internet toma novas proporções.

A análise de conteúdo consiste em uma série de processos metodológicos utilizados para expor e elucidar os dados dos materiais coletados advindos do campo de pesquisa, sejam eles livros, entrevistas, filmes, gravação, entre outros meios. Nas palavras de Moraes (1999) “Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (p.2). As interpretações levam em consideração todo o contexto histórico, social, cultural e político diante do que o estudo procura alcançar, do pesquisador e de tudo que faz parte da pesquisa em si (pessoas, locais, objetos). Portanto,

Compreender sua história, entender os tipos de materiais que possibilita analisar, estando ao mesmo tempo consciente das múltiplas interpretações que uma mensagem sempre possibilita, levando ao entendimento de uma multiplicidade de objetivos que uma análise de conteúdo pode atingir, auxiliam a explorar melhor as possibilidades desta metodologia de análise. (MORAES, 1999, p.4)

Diante disso, foi realizado um mapeamento do conteúdo digital do site da plataforma, da brochura que apresenta uma descrição dos workshops virtuais para empresas e é disponibilizada em PDF e das redes sociais como Instagram, YouTube e Blog da The School of Life, seguindo os procedimentos da análise de conteúdo – os quais envolvem preparação, definição do conteúdo em unidades, categorização dessas unidades, descrição e interpretação (MORAES, 1999).

Inicialmente foi feita uma observação e leitura completa do site da The School of Life para selecionar os materiais que seriam analisados. Estes foram divididos de acordo

com as próprias abas da plataforma “eventos”, “para empresas”, “terapia”, “quem somos”, “blog”, “conteúdo online” e “shop”. Cada uma delas possuía subitem e a análise se deu de forma separada e com um código de cores, por exemplo, os eventos que se encaixavam no subitem “aula” eram grifados com a cor roxa e o “workshops profissional” na cor azul. Todo material da plataforma foi lido e sendo agrupado de acordo com as suas similaridades e diferenças, buscando encontrar ligações entre as falas e os assuntos que se repetiam para identificar os padrões que vão sendo descritos e interpretados ao longo da pesquisa, dialogando com o campo teórico.

O item “para empresas” foi aprofundado com a leitura e análise da brochura, a qual é disponibilizada no site em PDF. Este é um material que descreve o que é ensinado nos workshops para empresas, além de trazer dados percentuais de pesquisas para explicitar a importância de realizar os cursos, apontando os benefícios que as instituições terão, como forma e motivá-las a aderir às aulas. O mesmo processo de separação e agrupamento foi utilizado para interpretar a brochura.

Com relação às redes sociais (o Blog, Instagram e YouTube) não foi realizada uma análise de conteúdo aprofundada como no site e na brochura, devido à questão de inviabilidade do tempo da pesquisa. Foram observadas somente as temáticas que se apresentaram nestas mídias e seu engajamento. Por exemplo, foi selecionado o período de um ano para observar quais vídeos do YouTube tinham mais visualizações. No mesmo período, no Instagram, tentou-se examinar o que é postado com maior frequência e se há comentários das pessoas que realizam os cursos. E no blog foi analisado como é realizada a divisão das categorias e um pouco do que trazem como conteúdo.

Assim sendo, foi possível identificar qual discurso está sendo utilizado, que tipo de conteúdo são transmitidos, com quais finalidades, como elaboram o conceito de inteligência emocional e de que forma oferecem seus serviços. Todos estes aspectos ajudam a compreender qual o público que a TSOL quer atingir e atrair, quais relações sociais estabelecem com esse público diante de suas especificidades, o qual podemos relacionar com questões estruturais como gênero, raça, classe, sexualidade, entre outros. E, por fim, fazer um panorama geral do modelo de ensino, a partir da observação histórica e social das emoções.

Vale ressaltar também que as análises buscam explorar tanto o que é manifesto, quanto o que é latente na plataforma, em conjunto com o movimento de fazer interconexões com a teoria utilizada para as interpretações. Nas palavras de Moraes (1999): “A análise de conteúdo no nível manifesto restringe-se ao que é dito, sem buscar

os significados ocultos. Ao nível latente, o pesquisador procura captar sentidos implícitos.” (p.10), ou seja, a intenção é explicitar na íntegra o que está sendo disponibilizado pela The School of Life, assim como ir além e fazer “uma leitura que capta nas entrelinhas motivações inconscientes ou indizíveis, relevadas por descontinuidades e contradições” (p. 10).

As mídias digitais são o campo de análise e nessa pesquisa são entendidas numa perspectiva sociológica, a partir dos estudos da Sociologia Digital (MISKOLCI, 2016; PADILHA & FACIOLI, 2018; FACIOLI & PRADO, 2018). A análise das mídias é relevante, pois através dela é possível desvendar elementos importantes sobre contextos sociais e culturais que moldam as subjetividades dos indivíduos e transformam as relações e a sociedade. Essa área possibilita uma interpretação crítica, abrangente e focada na complexidade que existe quando se trata de relações sociais, as quais são influenciadas pela política, cultura, mídia, ciência, Estado etc., sem fragmentar o conhecimento.

O intuito é estudar as mídias digitais inseridas em um contexto histórico, social, cultural, político e econômico, “para compreender o que e como elas podem transformar as relações sociais existentes, bem como manter e reproduzir relações de desigualdade, de poder e de hierarquia” (FACIOLI, PRADO, 2018, p. 164), o que traz uma perspectiva mais aprofundada do problema em questão. A interação entre os estudos sociológicos, históricos e psicológicos pode trazer uma contribuição muito rica para esta temática tão atual, dialogando com os problemas enfrentados pela educação, numa busca de tentar repensar o âmbito educacional trazendo novas perspectivas e descobertas para a área, levando em consideração os indivíduos numa era tecnológica.

Além disso, esse estudo é norteado pelo entendimento de que os usos e a produção das mídias digitais são modelados socialmente e não apenas tecnicamente (MACKENZIE & WAJCMAN, 1999), e contextualizá-la faz com que seja possível identificar que “mudanças produzidas no cenário da mídia global afetaram fortemente – se não modificaram substancialmente – nossa experiência da sociabilidade” (DJICK, 2016, p. 12), o que também transforma a nossa subjetividade. Essa cultura da conectividade que Djick (2016) analisa e que dela surgem novas formas de sociabilidade entre os indivíduos, também reforça a influência do “contexto econômico, político e sociocultural mais amplo, que é inevitavelmente afetado por suas circunstâncias históricas” (p. 16).

Para além dessa introdução, essa pesquisa se estrutura em três capítulos e, por fim, apresentam-se as considerações finais. O primeiro capítulo se desdobra a compreender como as emoções vão se desenvolvendo e se complexificando de acordo com as

transformações sociais e culturais, e, com isso, vão sendo ensinadas de diferentes formas. O segundo capítulo é uma descrição detalhada dos serviços que a The School of Life do Brasil oferece, o qual tem como objetivo mostrar qual a proposta e como ensinam as habilidades emocionais para as pessoas, com foco no âmbito pessoal e do trabalho. Neste, o diálogo com autores que possuem uma visão ampla e abrangente dos aspectos sociais, culturais, históricos e políticos é inserido como forma de evidenciar o que está velado nos discursos da The School of Life. E, por fim, o capítulo três aprofunda no universo do trabalho, nos materiais e workshops disponibilizados para as empresas que procuram seus serviços e em como estes conteúdos sustentam perspectivas que mantêm a estrutura social vigente.

1. Emoções: conceito histórico-social

Para compreender por que e como a TSOL propõe ensinar as pessoas a alcançarem uma maior inteligência emocional, é importante analisar as emoções socialmente. Para tal, é necessário compreender como elas se desenvolveram a partir das transformações sociais em cada período histórico. Como aponta Elias (1994) é o processo civilizador como um todo que culminou no maior entendimento e controle das emoções, o qual molda e transforma os comportamentos em sociedade. Quando entendemos que esse desenvolvimento emocional é interdependente de aspectos históricos e sociais e que só foi possível ser consolidado através de processos coletivos e da relação entre os indivíduos, vemos o quanto é problemático pensar em um autoconhecimento de si mesmo, por si só, individualista e deslocado da realidade como um todo.

Segundo Elias (1994), as condutas, os comportamentos, as ideias, as normas e valores vão sendo moldadas de forma lenta e de acordo com a estrutura social. O que é correto ou não em determinada época vai sendo transmitido para as próximas gerações de diferentes formatos. Todo comportamento, pensamento e toda prática cultural tem uma função, mesmo que não se tenha consciência dela enquanto está sendo consolidada. Além disso, estão sempre em constante mudança, sendo melhoradas ou extintas. O que é individual se desenvolve a partir do social, assim como quando o individual se soma ao coletivo também ocasiona transformações sociais. Nas palavras do autor:

o processo específico de "crescimento" psicológico nas sociedades ocidentais, que com tanta frequência ocupa a mente de psicólogos e pedagogos modernos, nada mais é do que o processo civilizador individual a que todos os jovens, como resultado de um processo civilizador social operante durante muitos séculos, são automaticamente submetidos desde a mais tenra infância, em maior ou menor grau e com maior ou menor sucesso. A psicogênese do que constitui o adulto na sociedade civilizada não pode, por isso mesmo, ser compreendida se estudada independentemente da sociogênese de nossa "civilização". (p. 15)

O social se manifesta de várias formas no âmbito individual, uma delas é moldando as emoções e a forma de expressão dos sentimentos a partir das regras de conduta que vão sendo instauradas. O que é ou não satisfatório emocionalmente na convivência em sociedade vai sendo delimitado de acordo com as transformações desta. Segundo Elias (1994, p. 48) “As unidades sociais que chamamos nações diferem muito na estrutura da personalidade de seus membros, nos esquemas através dos quais a vida emocional do indivíduo é moldada sob pressão da tradição institucionalizada e da situação vigente”. Com isso, entende-se que cada período histórico tem emoções e

comportamentos específicos, os quais em certa medida controlam as formas de sentir e agir dos indivíduos.

uma fase fundamental do processo civilizador foi concluída no exato momento em que a *consciência* de civilização, a consciência da superioridade de seu próprio comportamento e sua corporificação na ciência, tecnologia ou arte começaram a se espalhar por todas as nações do Ocidente. (ELIAS, 1994, p. 64)

Com base nessa citação é possível notar que a tomada de consciência de que os seres humanos se tornaram civilizados (ou seja, que são pessoas, sobrevivem em conjunto e precisam de harmonia e regras nesta convivência), faz com que se esqueça de todo o longo processo que culminou nesse estágio do desenvolvimento humano atual, naturalizando comportamentos, emoções e pensamentos. Com isso, surge a valoração do ser humano como cada vez mais evoluído, a qual não é ideal de se utilizar, pois estamos sempre em constante transformação e muitas vezes comportamentos que não eram saudáveis no período anterior permanecem. Cada época guarda resquícios das anteriores, porque a mudança nunca é absoluta, mas vai acontecendo gradualmente e de forma sutil, portanto esses juízos de valores acabam por não corresponder com a realidade. O que hoje é aceito como normal, daqui a alguns anos talvez não seja mais e vice-versa.

Os comportamentos, as ideias, as emoções e a sociedade em si não são fixas ou estáticas, estão sempre se transformando. Nos moldamos a partir do que hoje denomina-se como incivil, mas que no período em vigência tinha uma função, portanto são tão importantes quanto o que é entendido como civilizado, como enfatiza Elias (1994, p. 81) era “algo que atendia as necessidades dessas pessoas e que lhes pareciam importante e necessário para elas exatamente dessa forma”. Por isso é preciso ter cuidado para não incitar um tom de superioridade, entendendo o todo e como partes importantes do processo. Nas palavras do autor:

É bem possível que nosso estágio de civilização, nosso comportamento, venham despertar em nossos descendentes um embaraço -, semelhante ao que, às vezes, sentimos ante o comportamento de nossos ancestrais. O comportamento social e a expressão de emoções passaram de uma forma e padrão que não eram um começo, que não podiam em sentido absoluto e indiferenciado ser designados de "incivil", para o nosso, que denotamos com a palavra "civilizado". (p. 73)

Antes as mudanças eram menos perceptíveis do que hoje, pois eram mais lentas e os comportamentos e emoções eram mais simples, mais dual (bom ou ruim, certo ou errado). Diante disso, percebe-se que quanto mais desenvolvida a sociedade, mais consciência os indivíduos têm sobre si mesmo e o todo, maior a complexidade das

relações e das emoções necessitando de maior contenção e controle delas. Ou seja, o pensamento se complexifica cada vez mais, sendo mais bem elaborado do que a dualidade anterior.

essas pessoas tinham entre si relações diferentes das que hoje vivemos. E isto envolve não só o nível de consciência; clara, racional, pois sua vida emocional revestia-se também de uma diferente estrutura e caráter (...) O que faltava nesse mundo *courtois*, ou no mínimo não havia sido desenvolvido no mesmo grau, era a parede invisível de emoções que parece hoje se erguer entre um corpo humano e outro, repelindo e separando. (ELIAS, 1994, p. 82)

A partir do momento em que além de reproduzir e transmitir as práticas culturais de geração para geração, começa-se a observar, analisar, aprender e registrá-las, se concretiza o que se entende por tomada de consciência. Com isso, surgem novas ideias, conceitos, formas de pensar, viver, sentir e se relacionar com o outro e com o mundo. O movimento de entender os porquês das normas e padrões, o que é bom ou ruim, certo ou errado, são processos do desenvolvimento da consciência, em que, segundo Elias (1994), começam a se criar padrões psicológicos e os indivíduos se atentam mais uns aos outros, em suas palavras:

a apresentação de preceitos e regras parcialmente muito antigos está impregnada de um temperamento muito particular. E isto é precisamente, por outro lado, um "sinal dos tempos", uma expressão da transformação da sociedade, um sintoma do que já é, enganosamente, chamado de "individualização". (p.85)

As pessoas vão se compreendendo como indivíduos e passam a ser referências uma para as outras, se adaptando as novas necessidades que surgem na sociedade devido as novas relações que assumem entre si e consigo. Nas palavras de Elias (1994, p. 91), “A tendência cada vez maior das pessoas a se observarem e aos demais é um dos sinais de que toda a questão do comportamento estava, nessa ocasião, assumindo um novo caráter”. É a partir dessa conscientização que se torna possível um maior controle do comportamento e pensamento, e a complexificação faz com que as mudanças sejam sentidas muito mais rapidamente do que antes.

Com o decorrer dos anos, já na renascença, há um aumento da “coação exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência de ‘bom comportamento’ é colocada mais enfaticamente. Todos os problemas ligados à comportamento assumem nova importância” (ELIAS, 1994, p. 91). Por conta da formação de uma nova classe dominante nesse período, aumenta-se o controle social, e “O senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros torna-se mais sutil e, em conjunto com as novas relações de

poder, o imperativo social de não ofender os semelhantes torna-se mais estrito,” (ELIAS, 1994, p. 91). Neste momento percebe-se um uso mais consciente e preciso dessas novas habilidades, o que favorece uma parte da população que detém poder e, principalmente, o conhecimento, pois são eles que ditam as regras e consolidam as normas e valores da sociedade.

A partir desse período até os que se seguem, exige-se que as emoções sejam cada vez mais controladas e elas vão se modificando, atendendo ao que é o ideal de cada momento histórico, as quais são determinadas pela classe dominante. Os instrumentos e mecanismos de vigilância vão avançando e tomando novas proporções. Isso pode ser percebido atualmente, pois essa necessidade de focar nos aspectos emocionais como forma de autodesenvolvimento está relacionado as exigências da estrutura social atual (ter autocontrole e ser produtivo). E o ensino do controle dessas emoções pode estar mantendo, principalmente no mercado de trabalho, as desigualdades, a precarização e aumentando o sofrimento psíquico dos seres humanos.

Ao percorrer brevemente esse caminho histórico é possível observar o quanto as emoções vão se moldando com o desenvolvimento da cultura, mostrando como elas são sociológicas e, no contexto da minha pesquisa, com foco no autoaprimoramento de si dentro desse contexto social atual. Este se dá pelas pessoas buscarem se adequar e se encaixar aos padrões de um ideal de ser e de como expressar o sentir. Esses padrões são estipulados tanto para a esfera da família, do trabalho e do amor, em que a todo momento os indivíduos devem estar atentos e se regulando, o que, segundo essa autora, faz com que se perca a espontaneidade das relações em detrimento do controle (BONELLI, 2003). O ponto é demonstrar a relação dos:

(...) sentimentos como raiva, luto, deferência, inveja, afeto, alegria, culpa, entre outros, a fatores e contextos sociais, adquirindo características externas em vez da visão que os mantêm isolados no interior das pessoas. A forma consciente como os seres humanos atuam para suprimir a distância entre o que estão sentindo e o ideal que têm do que deveriam sentir é o trabalho emocional, que em muitas situações assume a característica de uma jornada de trabalho extra. (BONELLI, 2003, p. 358)

A partir dessas reflexões capta-se a complexidade desses sentimentos, os quais não são apenas internos e nem culpa ou responsabilidade apenas dos indivíduos, pois existem muitas variáveis que os influenciam e uma estrutura econômica, política, histórica e social bem consolidada que norteia as relações consigo mesmo e com o outro. Diante disso, “Entre os custos humanos do trabalho emocional estão o estresse, o

estranhamento de si e a perda da capacidade de sentir” (BONELLI, 2003, p. 361), os quais estão fazendo parte da constituição da subjetividade contemporânea.

Para um entendimento da administração das emoções

O gerenciamento das emoções é consequência do desenvolvimento da consciência e expansão dos seres humanos coletivamente. Diante disso, Illouz (2011) é uma autora que identifica como os estudos sociológicos são carregados de uma teoria dos afetos, pois “quando recuperamos essa dimensão nem tão oculta da modernidade, as análises-padrão do que constitui o eu e a identidade modernos, do divisor público/privado e sua articulação com as divisões de gênero, sofrem uma alteração marcante.” (p. 6/7). A autora aponta os afetos como uma força motriz, a qual dá o impulso necessário para o comportamento em si. Os sentimentos são expressos pelos indivíduos situados dentro de uma cultura e é a partir desta aprendizagem social que manifestamos os afetos consigo e para com o outro, sendo diferentes a depender do vínculo que a relação possui.

Nossas emoções são carregadas de aspectos sociais e culturais difíceis de dimensionar. Assim como, questões sociais são permeadas pelas dinâmicas dos afetos. Esse movimento, segundo Illouz (2011), pode ser percebido nas divisões de gênero, em que ser homem ou mulher é determinado por características emocionais. A masculinidade é expressa quando se demonstra ser corajoso, racional, frio e agressivo, enquanto o feminino se apresenta no ser bondoso, ter empatia e otimismo. Nas palavras da autora: “Os sentimentos, portanto, organizam-se hierarquicamente, e esse tipo de hierarquia afetiva, por sua vez, organiza implicitamente os arranjos morais e sociais.” (p. 7), sendo assim, o social e o afetivo vão se moldando e se influenciando mutuamente. Ademais, é importante ressaltar que esses arranjos são organizados por quem detém o conhecimento e o poder, ou seja, tem o viés de uma classe específica.

Entender que a consolidação do capitalismo é embasada também pela “criação de uma cultura afetiva intensamente especializada” (ILLOUZ, 2011, p. 7), possibilita uma compreensão mais completa da sociedade atual. O enfoque em analisar os sentimentos, o eu e as relações com os outros, a partir do século XX, demonstra que a separação entre público e privado não faz mais sentido, pois ambos se entrelaçam e se moldam nessa dinâmica. Com isso, principalmente com o surgimento da psicanálise, aparecem novos discursos que validam o eu, transformando a subjetividade moderna, a qual segundo Illouz (2011, p. 8) “combina a aspiração à autorrealização com o direito ao sofrimento

afetivo”. Por fim, a internet abre espaço para que esse “eu afetivo público” se manifeste com mais afinco modificando as relações no âmbito privado.

O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. Como seria inevitável, a “racionalização e a “mercantilização” (dos afetos) são temas recorrentes. (ILLOUZ, 2011, p. 8)

Ou seja, essas transformações fazem emergir uma nova subjetividade, novas relações consigo mesmo e com o outro, diferentes formas de viver, sentir e pensar, as quais também moldam a estrutura social. Segundo Illouz (2011, p. 8), é a economia em conjunto com a psicologia que apontam para “novas técnicas e sentidos para cunhar novas formas de sociabilidade”.

Perante esses novos discursos e maneiras de se relacionar, Illouz (2011) descreve como a psicanálise, a psicologia, a literatura do aconselhamento e o feminismo refinaram essa perspectiva dos afetos e deram novos sentidos para o eu e as relações sociais e econômicas. Inicialmente, a psicanálise colocou em evidência a família como tendo centralidade na constituição dos indivíduos e apontou que os problemas psíquicos eram advindos dela. Além disso, conseguiu instaurar um “projeto em aberto para o eu, uma meta indefinida mas poderosa para o sujeito.” (p. 10), em que os conceitos do que é tido como normal e patológico foram ressignificados e expandidos. Aspectos que envolvem a sexualidade também foram repensados e tomaram novos sentidos.

A psicanálise e a psicologia foram responsáveis por trazer à tona uma nova forma de compreender as emoções e os comportamentos dos indivíduos, o que Illouz (2011, p. 9) denomina de um “estilo afetivo terapêutico”. Diante disso, “a cultura do século XX ficou ‘preocupada’ com a vida afetiva, com sua etiologia e morfologia, e concebeu ‘técnicas’ específicas – linguísticas, científicas, interativas – para apreender e gerir esses sentimentos”. Por isso, foi possível repensar a vida cotidiana, a cultura e a sociedade sob outras perspectivas, o que culminou nessa transformação e diversificação da subjetividade.

No que diz respeito a literatura do aconselhamento, ela se disseminou pois conseguiu utilizar uma linguagem acessível que atingiu um público amplo e tratava de assuntos cotidianos, a partir do que vinha sendo estudado pela psicologia. Foi também responsável por fortalecer novos valores e normas sociais. E, por fim, o feminismo surgiu com um discurso centrado na família, o qual se ligou com a psicoterapia, visto que o

maior consumidor desta, inicialmente, eram as mulheres. Como ressaltou Illouz (2011, p. 20), “A independência e a educação, com efeito, foram os dois temas centrais do feminismo e da terapia e, propriamente sintetizados, viriam a constituir a saúde afetiva e a emancipação política”, além de juntas conseguirem expressar a interpelação entre o público e privado.

O feminismo e a psicologia conseguiram consolidar o que Illouz (2011) apontou como um “modelo cultural de intimidade sexual e afetiva”, pautado em preceitos como liberdade, igualdade e autonomia que influenciavam tanto a vida pessoal quanto a política, ocasionando também mudanças nos padrões de gênero enraizados socialmente. Diante disso, o discurso da autoconsciência sobre as próprias emoções para o posterior controle delas e do comportamento ganhou força, e tanto as características que eram demarcadas como sendo específicas de homens ou mulheres, se colocaram primordiais de serem desenvolvidas por todos os indivíduos. Um exemplo disso é explicitado pela autora referente ao âmbito empresarial, o qual começa a se modificar e exigir que líderes e gerentes, mesmo que sejam homens, desenvolvam habilidades que antes eram designadas ao universo feminino, como a empatia e a comunicação.

Todas essas áreas conseguiram transformar ideais que estavam cristalizados a muito tempo na cultura e dialogaram tanto com os sujeitos como com a economia (ILLOUZ, 2011). Portanto, esses novos discursos, as novas formas de pensar, sentir e se relacionar adentraram tanto na vida psíquica quanto no modelo estrutural do capitalismo. O incentivo à entrada das mulheres no mercado de trabalho e assumindo cargos de liderança é fruto dessa conexão entre a necessidade de mão de obra, devido ao desenvolvimento do sistema, e dos avanços nesses estudos, os quais possibilitaram o alcance de direitos básicos para as mulheres. Percebe-se com isso, que o capitalismo vai se moldando e integrando as novas necessidades que suscitam dos indivíduos em cada novo período histórico, como forma de mantê-lo funcionando e a classe que detém esse poder continua dominando e controlando os trabalhadores, a partir da apropriação desses novos conhecimentos.

O que se compreende ao traçar esse percurso histórico e cultural é a captação do movimento de complexificação da consciência. Ela se desenvolve com base no social e surgem novas formas de controle das emoções e dos comportamentos, como foi discutido por Ellias (1994). As novas formulações sobre amor, sexualidade, intimidade, o eu e as relações, tanto no privado, quanto no público, suscitaram mudanças na subjetividade que tornaram possíveis uma racionalização e conseqüente aumento de controle dos

sentimentos, o que Illouz (2011, p. 24/25) denomina de “intelectualização da vida cotidiana”.

o caos, creio eu, somente em termos superficiais é um princípio organizador da intimidade. Ao contrário, o feminismo e a terapia, por serem duas grandes formações culturais que alegaram emancipar a mulher da classe média do jugo dos arranjos familiares tradicionais, contribuíram para racionalizar as relações íntimas, isto é, para submetê-las a processos neutros de exame e argumentação, calcados num trabalho intenso de autoexame e negociação. Essa racionalização dos vínculos afetivos deu origem a uma “ontologia afetiva”, ou à ideia de que os sentimentos podem ser desligados do sujeito para controle e esclarecimento. Essa ontologia afetiva tornou os relacionamentos íntimos comensuráveis, isto é, passíveis de despersonalização, ou propensos a serem esvaziados de sua particularidade e avaliados de acordo com critérios abstratos. Por sua vez, isso sugere que as relações foram transformadas em objetos cognitivos que podem ser comparados entre si e analisados conforme seu custo e benefício. “Quando usamos a comensuração para nos ajudar a tomar decisões, o valor se baseia nas compensações que fazemos entre diferentes elementos da decisão.” A rigor, o processo de comensuração torna as relações íntimas mais propensas a serem fungíveis, isto é, objetos que podem ser negociados e permutados.

Ou seja, todas essas técnicas e métodos desenvolvidos pelos novos saberes, como por exemplo, o enfoque na comunicação e na escrita das vivências ou no processo de análise da psicoterapia, deslocou os sentimentos da experiência em si, tirando-os de seus contextos, focando na esfera individual e deixando de lado a fluidez das emoções em detrimento do controle. Não que compreender as próprias necessidades e sentimentos não sejam importantes, porém, da forma como se consolidou, seguindo a lógica do capital de mercado, observa-se uma tendência a enxergar as relações com o outro e consigo mesmo como objeto ou produtos, e, portanto, como mercadorias, por isso Illouz (2011) traz essa noção de “capitalismo afetivo”.

O capitalismo afetivo, segundo Illouz (2011, p. 40), é o que possibilita o desenvolvimento da “inteligência afetiva”. Isso corresponde exatamente à proposta de ensino da The School of Life de desenvolver a inteligência emocional nas pessoas. Diante disso, os afetos vão sendo analisados e compreendidos de diversas formas, e “os psicólogos não só contribuíram para transformar o estilo afetivo numa moeda social – um capital –, como também articularam uma nova linguagem de identidade para se apossarem desse capital”, ou seja, é possível identificar nesses processos uma mercantilização das emoções, inclusive no site da plataforma escolhida para análise.

Ademais, as mídias digitais também oferecem um vasto campo de possibilidades de apoio emocional que influem em diferentes formas de administrar as emoções em um contexto de capitalismo afetivo. Como ressalta Prado (2015), “o uso de sites que oferecem consultórios sentimentais digitais, comunidades online, assim como o uso das mídias por

profissionais possuem contornos comerciais, se tornando um empreendimento econômico”, e a The School of Life representa bem esse universo mercadológico que se consolida através das mídias digitais.

O ensino da administração das emoções e seus desdobramentos atuais

Diante de tudo que vem sendo abordado, entende-se que a administração das emoções ocorre de muitas formas, em diferentes espaços, a depender da época e através de diversos meios. No que se refere ao espaço educacional atualmente, Cabanas & Illouz (2019) discutem sobre os investimentos que existem para a implantação de uma “educação positiva” dentro das escolas. Esse formato é incentivado por psicólogos positivos em conjunto com o que os autores chamam de economistas da felicidade, os quais acreditam que os problemas no desempenho de alunos e da escola em si se devam a aspectos emocionais, principalmente com relação a felicidade. O que se tem observado com isso é uma

cultura educacional cada vez mais interessada em competências emocionais, habilidades de gerenciamento pessoal e promoção de um espírito empreendedor entre os jovens do que em pensamento crítico, habilidades de raciocínio e aquisição de conhecimentos "clássico". (p. 84)¹⁴

Esse movimento não ocorre somente dentro das escolas, mas também nas mídias digitais através de diversos cursos, workshops, aulas, coachings e terapias online que focam na aprendizagem de novas habilidades emocionais. Além de muitos canais do YouTube, perfis no Instagram e outras redes sociais, em que influenciadores¹⁵ disponibilizam uma infinidade de modos de viver, sentir e pensar, ou seja, são diversas formas de transmitir conhecimentos relacionados a desenvolver aspectos emocionais, psicológicos e comportamentais. Por isso, esse estudo sugere observar como as mídias digitais são usadas como ferramentas educativas para controlar as emoções.

A forma como essas emoções estão sendo ensinadas nesses espaços, de acordo com o que é descrito pela TSOL, parece ser permeada pelo individualismo e uma valorização exacerbada do eu, sem refletir sobre aspectos sociais, culturais, históricos e

¹⁴ Tradução minha.

¹⁵ Pessoas que possuem um público grande de seguidores e visualizações em suas redes sociais e as utilizam como forma de divulgação de conteúdo.

econômicos que permeiam a educação, o trabalho e todas as esferas de nossas vidas. Isso é reflexo do sistema social vigente, que como aponta Scharff (2015), produz uma nova subjetividade voltada para o empreendedorismo de si mesmo. Ou seja, as pessoas passam a trabalhar para elas mesmas e são responsáveis por gerenciar seu negócio, o que causa a sensação de liberdade e autonomia.

Como Foucault (2008: 226) argumentou, “o que está em jogo em todas as análises neoliberais é a substituição sempre do *homo oeconomicus* como parceiro de troca por um *homo oeconomicus* como empresário de si mesmo”. Sob o neoliberalismo, a forma empresarial é estendida “a todas as formas de conduta” (Burchell 1993: 275) e engloba a própria subjetividade (McNay, 2009). (SCHARFF, 2015, p. 108/109)¹⁶

Com as mídias digitais surgem também novos formatos de trabalho em que a própria imagem de uma pessoa é seu produto. Nesse aspecto, o ensino de como lidar com as próprias emoções tem um grau de importância muito relevante, pois essas pessoas precisam ter cuidado e preparo para entregar seus conteúdos da melhor forma possível. Vale ressaltar que por conta do desenvolvimento tecnológico acelerado e com a pandemia da COVID19 parece estar ocorrendo um aumento na quantidade de pessoas que tentam desenvolver um trabalho pela internet.

É necessário considerar as diversas problemáticas que permeiam esse modelo de sociedade e essas novas formas de trabalho. Algumas delas são discutidas por Scharff (2015, p. 108), que ao longo do artigo aponta 10 características advindas dessa subjetividade empreendedora sendo elas: 1) o eu sendo visto como uma empresa, ou seja, as pessoas são agora uma mercadoria; 2) estar o tempo todo ativo, mas ainda precisando de mais tempo; 3) necessidade de manter a positividade diante das dificuldades, pois tudo é aprendizado e estar presente no agora; 4) reforçar o olhar de superação para as dificuldades passadas; 5) há uma negação com relação as vulnerabilidades e os erros são interpretados como algo individual; 6) exposição das vulnerabilidades emocionais; 7) negligência com relação as desigualdades estruturais; 8) aumento das ansiedades e inseguranças; 9) a competição não é mais só com o outro, mas também consigo mesmo; e 10) falta de sensibilidade ao outro e rejeição do que é diferente.

Isso mostra o quanto esse discurso tende a descolar o indivíduo da sociedade, dando-lhe a sensação de que ele não se insere nela, tampouco necessita de qualquer mediação do Estado e políticas públicas para se inserir em um mercado de trabalho, por exemplo. De outro lado, se colocar como empresa e como produto, permeado por essa

¹⁶ Tradução minha.

competitividade consigo mesmo pode ocasionar os adoecimentos psíquicos presentes hoje em nossa sociedade. Além disso, pode também levar a uma culpabilização e responsabilização somente do indivíduo pelo processo de trabalho, sem considerar a defasagem da estrutura social atual, o que é complementado com a discussão de Slee (2017) sobre precarização e falta de direitos básicos do trabalhador nesses novos modelos de empreender.

Com relação aos novos formatos de trabalho Slee (2017) demonstra as problemáticas do que ele denomina como economia do compartilhamento, a qual se refere às trocas de trabalho na internet que envolvem uma interação entre as redes e o ambiente físico. Por exemplo, os aplicativos de transporte privado (carros) ou os destinados a aluguéis de casas. A ideia de trabalhar para si mesmo, tendo autonomia e liberdade fortalecem o engajamento nesses empregos. No entanto, o que se observa é que:

Em vez de libertar indivíduos para que tomem controle direto sobre as próprias vidas, muitas companhias da Economia do Compartilhamento estão dando fortuna a seus investidores e executivos e criando bons empregos para seus engenheiros de programação e marqueteiros, graças à remoção de proteções e garantias conquistadas após décadas de luta social, e graças à criação de formas de subemprego mais arriscadas e precárias para aqueles que de fato suam a camisa. (SLEE, 2017, p. 24)

É um sistema que enriquece mais ainda quem já possui muitas riquezas. Esses empresários criam formas precarizadas de emprego, sem segurança e garantia de direitos para os trabalhadores, mas como estes necessitam de dinheiro para terem o básico acabam por ter que se submeter a esses tipos de trabalho e gerar altos lucros para os investidores. Um exemplo são os entregadores de comida de aplicativos de celular, os quais usam bicicletas ou motos para 39realiza-las, correndo riscos de vida e sem nenhum subsídio para questões de saúde. Nesse movimento, quem tem recursos, poder e dinheiro investe no desenvolvimento desses aplicativos, enquanto trabalhadores sofrem em longas jornadas de trabalho nas ruas.

Portanto, estudar como essas emoções estão sendo ensinadas e com quais objetivos é importante para ir na contramão e não cair nessa lógica de formação dos sujeitos para o mercado de trabalho e manutenção de discursos e práticas que culpabilizam e individualizam questões que também são advindas de problemas sociais e culturais maiores e mais complexos. É necessário resgatar o que na administração das emoções é útil para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, menos desigual e deixar de lado o que acaba por manter esse formato de sistema. As mídias digitais são um elemento importante dentro desse debate, pois vivemos em uma era de

conectividade e elas fazem parte dos meios que nos moldam enquanto indivíduos e sociedade, assim como são moldadas pelas nossas relações e estrutura social.

Uma pedagogia cultural das emoções?

O conceito de pedagogia cultural é discutido por Sabat (2001) ao analisar a publicidade nas mídias como um espaço que promove aprendizagem. A autora faz uma discussão em torno da formação de uma pedagogia e de um currículo cultural que acontece a partir das propagandas televisivas, mas que pode ser ampliada como um todo para as interações que ocorrem hoje nas mídias digitais. A autora analisa “em imagens publicitárias as representações de gênero e sexualidade e nesse contexto argumento que existem formas determinadas de pedagogia e de currículo sendo operadas em diversas instâncias sociais, por diferentes artefatos culturais” (p. 9).

Diante disso, podemos levantar a hipótese de que existe um processo de ensino nessas redes, como acontece na TSOL, que reforçam e reafirmam padrões culturais, valores, crenças e afins, os quais mantêm determinados comportamentos e sentimentos, transformando as subjetividades. Nas palavras da autora: “Tal como o currículo escolar, o currículo cultural envolve um conhecimento organizado em torno de relações de poder, de regulação e controle” (p. 19). Portanto, são mecanismos utilizados para modelar os indivíduos de acordo com as necessidades do capitalismo, por quem está acima e no poder.

No próprio site da TSOL está descrito sobre a importância de sistematizar e estruturar o ensino de habilidades emocionais para que seja possível o desenvolvimento da inteligência emocional. Em suas palavras, acreditam “que podemos aprender, em tempo bom e sistematicamente, o que poderíamos adquirir apenas através de muitas décadas de tropeços” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021).

Em sua pesquisa Sabat (2001) mostra que as propagandas naturalizam os papéis do homem e da mulher na sociedade, sendo danosos, pois continuam a propagar a desigualdade e fortalecer uma cultura machista e sexista. E, mesmo quando as propagandas passam a ser mais representativas e trazer ideias menos desiguais é devido à necessidade do capitalismo de se adaptar às mudanças que surgem no contexto das relações sociais, por exemplo, com as lutas feministas sendo apropriadas pelas mídias digitais como forma de marketing e vendas. É preciso entender o quanto isso está ligado a um viés mercadológico e não com o objetivo de transformação social em si.

Antes mesmo de Sabat (2001) iniciar esse debate da pedagogia cultural, o próprio Elias (1994, p. 95) já falava sobre como

poemas e tratados são em si mesmo instrumentos diretos de “condicionamento” ou “modelação”, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e situação da sociedade onde vive tornam necessários. E mostram ao mesmo tempo, através do que censuram e elogiam, a divergência entre a que era considerado, em épocas diferentes, maneiras boas e más.

Ou seja, somos ensinados através de diversos meios a se adaptar as normas e regras sociais de conduta. Isso prova que desde sempre existiram diferentes formas de aprender, ensinar e educar os indivíduos para a relação com o outro, com o mundo e consigo mesmo de acordo com a época, para além do âmbito escolar, incluindo agora o espaço da internet. Esses formatos de aprendizado são comuns e se perpetuam na sociedade, moldando as relações sociais, as normas, transmitindo ideias a cada geração e mantendo ou extinguindo padrões de comportamento. E, vale ressaltar, que são todos influenciados pelo sistema social vigente em cada período, com valores e moralidades específicas, as quais guiam os comportamentos, pensamentos e sentimentos dos seres humanos.

A partir disso, pode-se entender que o mesmo ocorre com as emoções, as quais se consolidam de diferentes maneiras com o passar do tempo, através das influências sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas. Na TSOL podemos observar que vai sendo formado um currículo pedagógico cultural que norteia o aprimoramento dos aspectos emocionais para atingir um alto nível de inteligência emocional, o qual é estruturado tendo como base o conhecimento de diversas áreas (psicologia, literatura, filosofia, arte etc.). Além disso, essas ideias de autoconhecimento e autoaprimoramento são transmitidas e ensinadas através das mídias digitais, não só por plataformas que estruturam cursos, aulas, workshops etc., mas também pelas redes sociais (influencers no Instagram, youtubers, entre outros).

O ensino de aspectos emocionais mediado pelas mídias digitais são relacionais, ou seja, não ocorre apenas uma transmissão de conteúdo, mas sim uma modelagem social da subjetividade que só é possível devido a processos culturais da sociedade como um todo, os quais vão fazendo a mediação das relações sociais nos diversos âmbitos de nossas vidas, influenciando também o que está sendo transmitido pelas mídias. É um processo de via de mão dupla, a subjetividade se molda ao mesmo tempo em que também impulsiona e modifica os usos dessas mídias.

Essa análise pode ser reforçada pela discussão de Illouz (2011) sobre a literatura do aconselhamento, a qual utilizando os estudos da psicologia e guiada pelas observações das relações sociais advindas de processos culturais vigentes, conseguiu atingir uma grande quantidade de pessoas e ocasionar transformações na subjetividade dos indivíduos. Em suas palavras:

Grande parte do material cultural contemporâneo nos chega sob a forma de conselhos, advertências e receitas do que fazer, e, considerando-se que em muitos *loci* sociais o eu se faz sozinho – recorrendo a diversos repertórios culturais para decidir seu curso de ação –, é provável que a literatura de aconselhamento tenha desempenhado um papel importante na configuração dos vocabulários pelos quais o eu compreende a si mesmo. (p. 11)

Esses materiais têm influência e são construídos tendo como referência o momento histórico, econômico e cultural em que são criados, incorporando suas características e exigências. Com isso, os aspectos emocionais e comportamentais vão se moldando de acordo com o que está predominando no período em vigência. O qual atualmente corresponde à ideia mercadológica, em que tudo e todos são vistos como produtos.

Por conseguinte, assim como a literatura do aconselhamento, as mídias digitais podem ser entendidas como uma ferramenta de ensino. No caso da TSOL é utilizada para ensinar os indivíduos a administrarem suas emoções de maneira socialmente considerada como satisfatória, principalmente para o universo do trabalho. Assim sendo, é possível constatar que o campo selecionado apresenta nos seus conteúdos online uma pedagogia cultural das emoções. A The School of Life através do seu discurso utiliza desse espaço para melhorar a qualidade de vida do seu público a partir de um conteúdo estruturado voltado a desenvolver a inteligência emocional, o qual é transmitido nos seus serviços. Vale ressaltar também que grande parte dos profissionais dessa escola são psicólogos ou psiquiatras, ou seja, eles se fortalecem diante desse aporte científico e psicológico.

2. A Escola da Vida?

Descrição dos princípios da The School of Life no Brasil

A The School of Life apresenta de forma didática seus valores e visão como organização global na aba “quem somos” de seu site. E em cada um dos tópicos dessa sessão é exposto o trabalho realizado no Brasil que são as aulas, cursos, workshops profissionais (individuais ou para empresas), palestras, terapias, vídeos, artigos e o blog que contém conteúdos diários sobre diversas questões da vida. Há também a produção de livros, jogos e acessórios que são vendidos em uma loja virtual. Ou seja, primeiro discorrem sobre um tema que trabalham na escola e com base nele apontam quais serviços são disponibilizados.

O objetivo dessa escola, segundo as descrições do site, é proporcionar um aumento da inteligência emocional trazendo uma nova perspectiva sobre as áreas de relacionamento, sexualidade, trabalho, educação, religião, cultura, mídia, consumismo e capitalismo. A TSOL prioriza o acompanhamento e estudo constante de si mesmo como forma de entender o que acontece dentro do sujeito e em seu mundo externo. Diante disso, há um foco na importância de se manter presente, no aqui e no agora, diminuindo as influências que o passado tem na formação de novas relações, pois elas podem ser diferentes no hoje, o que permite experienciá-las sem tantos medos e angústias. E, aliviando as ansiedades que surgem do pensamento e da cobrança sobre o futuro.

Para compreender melhor o trabalho desenvolvido pela The School of Life será realizada uma descrição aprofundada de cada uma dessas áreas descritas acima, com base no que o site da plataforma disponibiliza – há um tópico com um texto sobre cada uma, os quais serão destrinchados a seguir. Inicialmente, no que diz respeito às relações que as pessoas desenvolvem entre si, nessa escola acreditam que

porque nós não somos naturalmente bem-equipados para as demandas de relacionamentos, nós precisamos de muita assistência e educação. Nós precisamos de uma cultura que nos ajude a entender nós mesmos e a formar expectativas realistas. Nós precisamos de lembretes constantes para sermos mais pacientes, generosos, compreensivos e gratos. (THE SCHOOL OF LIFE, 2021)

Ou seja, com base nessa citação e em várias partes do site da The School of Life é ressaltado que o ensino e a compreensão de si mesmo devem ser constantes, para a vida toda, em que é necessário sempre aprender novas habilidades para os relacionamentos se

desenvolverem de forma mais satisfatória e saudável. E, a partir disso, é possível diminuir as expectativas e idealizações sobre as pessoas e as relações, pois os seres humanos erram, muitas vezes não se compreendem e entram em conflitos. Fica claro em suas falas que para a TSOL melhorar essa comunicação e entendimento com o outro e consigo mesmo é um de seus pilares.

Para auxiliar nesse aprendizado constante essa escola administra um site que disponibiliza textos reflexivos sobre como a arte pode trazer cura em vários âmbitos da vida. Ele aborda conteúdos sobre amor, sexo, trabalho, ansiedade, política, tempo livre e autoconhecimento. Esse site é em inglês, no entanto, alguns conteúdos são traduzidos para a aba do blog na plataforma do Brasil, assim como alguns artigos do “the book of life”¹⁷ também são traduzidos.

Com relação ao trabalho, a TSOL afirma que é preciso se engajar em profissões que tenham relevância para si e para os outros, que acrescente algo no mundo e faça sentido na própria vida. Para isso, é necessário se autoconhecer e se permitir experienciar diversos formatos de emprego, pois só assim é possível que os indivíduos identifiquem de fato as características de uma profissão que seja compatível consigo. No site da escola é colocado que: “um trabalho parece significativo quando a pessoa o desempenhando pode sentir profundamente, no dia a dia, o impacto de seu trabalho em uma audiência” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Diante disso, é possível observar que o trabalho é tratado como uma forma de realização subjetiva, sendo um local que deve refletir a individualidade.

Portanto, fica a cargo do indivíduo encontrar um trabalho que seja satisfatório, sem considerar os contextos sociais, políticos, culturais e econômicos que envolvem essa busca. Isso corrobora com os dados da pesquisa de Scharff (2016, p. 9) os quais afirmam que “o assunto da auto invenção é predominantemente de classe média”¹⁸. Esses dados reforçam e colocam em evidência que o discurso utilizado pela The School of Life é compatível com a vivência de uma classe específica, que é qualificada e escolarizada. Assim como os valores financeiros dos seus serviços abrangem mais este público, pois não são todos que possuem condições de pagá-los. É uma utopia romântica transmitida pelas mídias digitais. Como demonstra Illouz (1997) essa utopia se manifesta coletivamente, pois é construída a partir da união do universo mercadológico com a esfera

¹⁷ Aba da plataforma de Londres da The School of Life, a qual contém artigos sobre questões da vida cotidiana no geral.

¹⁸ Tradução minha.

amorosa. Segundo a autora a ideia do romance é influenciada pela publicidade e por imagens e ideias através das mídias como forma de propagar o consumo, o investimento em bens materiais e no autoaprimoramento para estar compatível com as exigências desses padrões. E, no caso trazido aqui estar compatível com as características exigidas para o mercado de trabalho hoje.

No entanto, a ideia do sujeito empreendedor de si mesmo não repercute somente para quem tem condições financeiras elevadas. Pelo contrário, ela também consegue adentrar nas classes populares no geral, em que muitas pessoas possuem trabalhos informais. Como aponta Scharff (2016, p. 109), é um discurso que tem a capacidade de se entrelaçar em outros, e, portanto, “atravessa a dinâmica de poder de gênero, de raça e classe”¹⁹, se fortalecendo na ideia de autonomia, independência e reponsabilidade pessoal. O empreender se torna sinônimo dessas características, deixando de lado as problemáticas do trabalho precarizado e da falta de responsabilização do Estado para regulamentação dos direitos básicos e seguridade do trabalhador. Esse discurso, que também faz parte da TSOL, acaba por individualizar as questões relacionadas ao trabalho.

Em contrapartida, essa autoadministração na esfera do trabalho é permeada de consequências psíquicas. Isso fica evidente quando Scharff (2016) relata que “as ansiedades foram discutidas mais abertamente em relação ao trabalho casualizado, o que está associado a políticas neoliberais de desregulamentação do mercado de trabalho”²⁰ (p. 116). Os participantes da pesquisa dessa autora, os quais possuem trabalhos precarizados, relatam sentirem mais em suas vidas os efeitos desse formato de trabalho. Eles identificaram de forma sutil e inconsciente que a causa dessas ansiedades advém do próprio trabalho, o que demonstra que o discurso empresarial por vezes não se encaixa como um todo, se mostrando contraditório.

Diante dessa ideia positiva trazida pela TSOL sobre as profissões, é apontado no site os motivos pelos quais é um desafio conseguir encontrar um trabalho nesses moldes ideais. A questão de não haver tempo para se preparar e se encontrar é o enfoque e, em suas palavras, a culpabilização recai sobre o fato de que “escolas e universidades, assim como a sociedade em geral, não colocam muita ênfase nesse estágio da educação, em ajudar as pessoas a entenderem suas verdadeiras identidades profissionais” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). De acordo com a plataforma, esses espaços apenas formam pessoas para o mercado de trabalho e para a necessidade de gerar lucro e se manter. Ou,

¹⁹ Idem.

²⁰ Tradução minha.

mesmo quando um trabalho atende aos requisitos do que é ideal, pode perder o sentido dentro de grandes empresas com a correria do mundo de hoje. Além disso, um último fator elencado é que muitas formas de ganhar dinheiro atualmente acabam dando certo, mesmo aquelas que não são saudáveis à vida humana, o que no site é mencionado como “trabalhos insignificantes”, mas lucrativos, os quais as pessoas acabam por se enquadrar.

As soluções propostas pela The School of Life são o “aconselhamento de carreira, psicoterapia, estágios e mudanças nos currículos das escolas e universidades, permitindo que os estudantes comecem a analisar suas identidades e aptidões desde muito mais cedo” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Diante do que está descrito no site, o consumo mais consciente que venham de trabalhos que geram um valor mais positivo e saudável também incentiva mudanças nesse âmbito profissional. Segundo a TSOL “aumentando a qualidade da nossa demanda, nós aumentamos o número de trabalhos que podem responder às necessidades mais profundas da humanidade” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). E para grandes empresas a orientação é que a solução para as pessoas se motivarem mais no trabalho pode ser pontuar o valor de cada pessoa dentro do funcionamento dela, dando sentido à experiência.

Esse aspecto do consumo consciente se relaciona com o debate incitado por Slee (2017), pois ele também fala de consumo dentro da perspectiva da Economia do Compartilhamento. As ideias de colaboração, conexão e identificação que são transmitidas pela TSOL também correspondem às características exigidas por essa economia, a qual se utiliza delas para incentivar o desenvolvimento de novas formas de trabalho precarizados, isto é, sem seguridade e responsabilização do Estado. Além disso, são discursos que se mostram contraditórios diante da realidade, pois ao mesmo tempo em que falam sobre sustentabilidade, liberdade e autonomia, é uma economia dominada e alimentada por grandes empresas e organizações que tem como foco o aumento do consumo para gerar lucro e expansão de seus negócios. Nas palavras do autor: “a Economia do Compartilhamento está invocando esses ideais para construir gigantescas fortunas privadas, erodir comunidades reais, encorajar mais formas de consumismo e criar um futuro mais precário e desigual do que nunca” (p. 32). É através desse discurso que a TSOL seleciona o seu nicho de mercado consumidor de seus produtos, criando a ideia de uma administração das emoções mais “sustentável”, a qual é útil para as empresas por garantir a produtividade do trabalho e, ao mesmo tempo, agradável ao mercado consumidor por que contribui para a busca de conhecimento, práticas de bem-estar, lazer etc.

Segundo a TSOL, identificar a significância e o sentido no trabalho pode mudar “toda a economia e política modernas: quão duro e bem as pessoas vão trabalhar – e, portanto, quão bem-sucedidas e poderosas as sociedades podem ser” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Por isso, são disponibilizados serviços de psicoterapia, aconselhamento de carreira, aplicam cursos em grandes empresas para resolver os conflitos existentes e dirigem “uma unidade de Negócios que trabalha com empresas para criar produtos e serviços mais significativos” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Ou seja, é um discurso que tende a individualizar a administração das emoções e, em certa medida, desconsidera o entorno social, as condições sociais de classe, raça, sexualidade, escolaridade etc., pois propõem que a mudança seja somente no indivíduo, para que ele se adapte no trabalho.

Diante desses posicionamentos é possível observar que essa realidade não condiz com a de todas as pessoas, pois não são todos que conseguem realizar esses movimentos propostos pela The School of Life, sejam por condições financeiras, pessoais, familiares, entre diversos outros. Isso reforça a importância de analisar o que não está explícito no discurso, como aponta Moraes (1999, p. 4) “Indicadores e características da mensagem originam inferências sobre quem a recebe”, o que pode trazer elementos fundamentais para a caracterização da pesquisa.

Esse projeto da TSOL se alinha muito bem à reforma do ensino médio, a qual tem como objetivo eliminar a obrigatoriedade de matérias como Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física, além de possibilitar que qualquer pessoa com algum ensino técnico exerça a atividade docente, a adoção de uma base comum curricular e a escolha dos itinerários formativos por parte do aluno. Segundo Pacheco e Derisso (2018), essa reforma é parecida com a teoria do capital humano de 1960, já “que se orienta para a formação de dois tipos de escola pública, uma orientada para o acesso ao ensino superior e outra para uma educação dita de formação profissional” (DUARTE; DERISSO, 2017, p. 132, citado por PACHECO; DERISSO, 2018, p. 661). E é nesse último aspecto que se mostram alinhados. Atualmente é identificado um desmonte da educação, pois esta deixa de transmitir os saberes humanos acumulados para ser produtora de trabalhadores. Não se busca a emancipação, mas sim a adaptação dos indivíduos nessa forma de sociedade, priorizando a continuidade desta.

No entanto, diferente desse projeto de lei que percorre o cenário político do Brasil, o que é oferecido pela The School of Life é humanizado, não sendo neutro e nem apenas tecnicista no sentido de que há uma oferta de aperfeiçoamento emocional e autoconhecimento altamente intelectualizada, pois envolve o aprofundamento em

diversas áreas, como literatura, psicologia, filosofia, artes visuais, entre outros. Portanto, são divergentes com relação a forma como lidam com a formulação do conhecimento a ser transmitido.

A nova disciplina que será ofertada com a implementação da reforma do ensino médio, chamada “Trabalho e Projeto de Vida”, também tem similaridades com o que é oferecido pela TSOL, pois tem como foco a ideia de um aconselhamento de carreira partindo de reflexões sobre o futuro e promovendo um autoconhecimento dos estudantes para que eles possam fazer escolhas mais conscientes das profissões que desejam exercer.

No âmbito educacional, como foi brevemente mencionado acima, a The School of Life problematiza o sistema de ensino atual, o qual, em sua perspectiva, falha em ensinar os aspectos emocionais e psicológicos aos alunos, deixando de lado esta parte importante do desenvolvimento humano. Há uma desconsideração do entendimento da escola de modo mais amplo pela TSOL, principalmente com relação a importância no contexto brasileiro, especialmente quando se reflete sobre a desigualdade de classe social, gênero, raça e sexualidade.

Na visão da TSOL todo tipo de emoção pode ser ensinada e reforçam que o ensino não acontece somente nas escolas, mas de muitas outras formas, como por exemplo através da arte e da mídia, sendo contínuo e constante durante toda a vida. Com o objetivo de suprir essa falta são oferecidos aulas, cursos e workshops que auxiliam no desenvolvimento dessas habilidades emocionais, utilizando recursos como vídeos e livros. É possível encontrá-los no www.theschooloflife/saopaulo/eventos/aula.

A partir desta perspectiva é possível perceber como a The School of Life, além de colocar a responsabilidade do sucesso profissional no sujeito, também o faz com relação à educação. Há uma crítica ao ensino tradicional, ao mesmo tempo em que estão alinhados as reformas políticas do ensino, e transfere-se para o indivíduo a obrigação de procurar por novas formas e métodos para aprender as competências e habilidades necessárias para o mundo do mercado de hoje, as quais podem ser transmitidas através das mídias digitais e não institucionalizadas pela escola. Ao invés de propor soluções que promovam o amplo acesso, são criados cursos e aulas com valores altos, atingindo apenas uma parte selecionada da população. Nessa perspectiva, não é o sistema de ensino que precisa ser repensado e reformulado, sendo essa responsabilidade do Estado, mas sim as pessoas que precisam ir atrás de se especializar e se atualizar.

Essas críticas também não levam em consideração as diferentes abordagens do processo de ensino que desenvolvem teorias coerentes e transformadoras, as quais tentam

abranger a complexidade e as múltiplas determinações do desenvolvimento humano e da sistematização do conhecimento acumulado historicamente (MIZUKAMI, 1986). A própria área da educação, em seus estudos, reconhece as problemáticas do ensino e sua busca é constante na realização de pesquisas, pois os avanços científicos possibilitam mudanças sociais e na estrutura educacional. Portanto, a educação

É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Nele estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva, a emocional, a sócio-política e cultural. Não se trata de mera justaposição das referidas dimensões, mas, sim, da aceitação de suas múltiplas implicações e relações. (MIZUKAMI, 1986, p. 1)

Em contrapartida, segundo a The School of Life, a religião desde sempre conseguiu abordar as temáticas psicológicas e auxiliar os indivíduos no âmbito emocional. A religião, nessa perspectiva, sempre deu suporte em questões como o perdão, compaixão, sensibilidade ao outro e na construção de valores. Na plataforma essa escola afirma ser “uma organização que assume muitas das tarefas da religião e cria substitutos laicos para ideais e práticas religiosas específicas. Concordando com os grandes pensadores do séc. XIX, acreditamos que a cultura deve substituir a escritura” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Ou seja, constitui-se como uma forma de pedagogia cultural que busca ensinar, através de discursos prescritivos, as emoções que são compatíveis com uma sociedade que preconiza o empreendimento de si. Na tentativa de ocupar o lugar da escola e da religião é perceptível o quanto querem se tornar uma instituição social que transmite cultura. E essa ideia da laicidade mostra o quanto os discursos da TSOL podem ser utilizados de modo à neutralizar questões de interesse político e público, como as de gênero e sexualidade, racismo etc. Até porque não se fala desses assuntos no site, é a cultura para o indivíduo somente.

Outra área que proporciona desenvolvimento e auxílio em questões cotidianas e emocionais, de acordo com a TSOL, é a cultura, sendo esta “valiosa porque é capaz de lidar com nossa necessidade de educação, orientação, consolo, perspectiva, encorajamento e correção” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Portanto, ela é como um suporte e um guia da vida. Por exemplo, a comédia pode amenizar a culpa que as pessoas sentem quando as coisas não saem como o planejado; a história dá subsídios para lidar com os problemas atuais; a pintura e as artes são manifestações da mente e dos sentimentos, além de retratar situações reais da vida e tocar as pessoas de muitas formas; a música desperta “certos estados mentais deliberadamente e estrategicamente” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021); através da literatura é possível experienciar diferentes

realidades e sensações; entre outras. Isto é, a cultura é sinônimo de arte e tem uma marca elitista. E para reforçar o valor da cultura foi criado uma curadoria de museus que transmitem suas teorias às pessoas, organizam os sites www.artastherapy.com, www.booksastherapy.com e www.foodastherapy.org, e construíram um monastério secular no centro do País de Gales com o arquiteto John Pawson.

Ao falar de seus valores e visão, a The School of Life também adentra no âmbito das mídias, pois em sua perspectiva elas são responsáveis pelo tanto de informações que são consumidas hoje. É através delas que as pessoas se atualizam sobre os assuntos mais importantes e de forma objetiva e sucinta se informam sobre o que acontece no mundo, o que dá um norte na vida cotidiana. No entanto, a TSOL ressalta que há muitas problemáticas que permeiam essas mídias, já que

ela nos impede de ver os problemas reais e de nos apegarmos a eles; ela é obcecada ora por ideologias prejudiciais, ora por um compromisso com uma neutralidade ideológica rasa; ela é um terreno fértil para sentimentos de inveja e insatisfação material mal digeridos; ela falha em explicar a economia para nós; ela nos informa sobre desastres em lugares distantes sem nos dar as ferramentas para a empatia; ela constantemente nos alerta e nos assusta, aumentando nossa sensação de fragilidade; ela nos leva a ter nojo dos estrangeiros e a ter ideias pessimistas a respeito da vida coletiva. (THE SCHOOL OF LIFE, 2021)

Para a The School of Life esses danos relatados são causados pelo acúmulo de informações sem filtro e acrítica. Para tentar amenizá-los é disponibilizado o site www.philosophersmail.com e o www.newsastherapy.com, em que organizam as notícias e os conteúdos da forma que julgam ser mais responsável. Além disso, possuem um canal no YouTube que é gerenciado pela sede de Londres.

Diante disso, é possível identificar que esse pensamento de posicionar as mídias digitais somente como prejudiciais tem uma forte ligação com o determinismo tecnológico. Esse discurso desconsidera a complexidade dos fenômenos e as diversas possibilidades das formas de usos delas em nossa realidade. Como afirma Boyd (2016), “A facilidade com que as pessoas comuns podem compartilhar mídia online é incomparável, o que pode ser poderoso e problemático. A capacidade de expansão pode ser aproveitada para reunir pessoas por uma causa política ou espalhar boatos²¹” (p. 12). Por conta disso é preciso considerar ambos os lados e analisar o contexto como um todo.

A retórica utópica assume que, quando uma tecnologia em particular é amplamente adotada, transformará a sociedade de maneiras magníficas,

²¹ Tradução minha.

enquanto as visões distópicas se concentram em todas as coisas terríveis que acontecerão devido à adoção generalizada de uma tecnologia específica que estraga tudo. Essas retóricas extremas são igualmente inúteis para entender o que realmente acontece quando as novas tecnologias são amplamente adotadas. A realidade é sutil e confusa, cheia de prós e contras. Viver em um mundo em rede é complicado. (BOYD, 2016, p. 16)²²

Como demonstra Djick (2016), as relações sociais se expandem do âmbito individual ao coletivo e se interligam mediante plataformas e empresas, as quais norteiam a forma como os indivíduos se socializam, o que consolida a cultura da conectividade. Assim como a socialização que ocorre também vai influenciando as transformações tecnológicas. Ou seja, essa conexão impulsiona e modifica a utilização e os conteúdos das mídias digitais. No caso da The School of Life há uma criação de espaços de debate para a interação de pessoas que buscam se aprimorar emocionalmente, tornando-se com isso sujeitos mais desejáveis para o mercado.

Outro ponto que a TSOL aborda é o consumismo desenfreado da atualidade e, de acordo com essa escola, o consumo e o materialismo²³ em si não são um problema, pois adquirir bens pode trazer muitos benefícios às pessoas. Há uma alegação de que coisas materiais contribuem com o psicológico, até mesmo espiritualmente falando, porque “nossos ideais mais elevados podem ser ‘materializados’ em objetos físicos, de modo que, ao comprar e usar esses objetos, estaremos mais perto da melhor versão de nós mesmos” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Portanto, o ponto central nessa aceção, é que coletivamente haja o consumo de produtos mais saudáveis e com sentido. Para tal, há uma loja online a www.theschooloflife.com/shop. A partir desse discurso utilizado pela plataforma, é possível refletir sobre o público com o qual ela dialoga, ou seja, são os que possuem condições financeiras para consumir esses produtos ditos saudáveis. Concluindo que a todo momento estão chamando a atenção de uma classe específica.

E, por fim, é abordado brevemente sobre o sistema de produção atual, o capitalismo. Em suas palavras: “a economia é, numa parte extraordinariamente grande, um fenômeno psicológico dirigido pelos nossos apetites coletivos e pelas nossas imaginações e desejos” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Diante disso, o importante é educar as pessoas que consomem para que a economia melhore, ou seja, fazer do capitalismo um sistema mais saudável. A TSOL está em busca de um capitalismo que supra “nossa necessidade de compreensão”, que vá além de gerar bens materiais, mas que

²² Idem.

²³ Essa terminologia é utilizada pela TSOL para referenciar as coisas materiais em si, ao ato de adquirir objetos, artefatos etc.

leve em consideração “necessidades mais elevadas”. Para isso existe uma unidade de negócios a www.theschooloflife.com/saopaulo/empresas que orienta as empresas a um “tipo de capitalismo mais inteligente”.

A TSOL se baseia no esquema da Pirâmide de Necessidades de Abraham Maslow para falar desse capitalismo mais saudável. Maslow foi quem desenvolveu a teoria da motivação em 1950 que atingiu em grade escola o comércio, a qual aborda a felicidade e as necessidades pessoais como pontos de extrema relevância para as empresas, pois elas podem utilizar desse mecanismo das emoções para tornar as pessoas mais engajadas no trabalho. Esse autor deu ênfase de que o trabalho não serve apenas para se ganhar dinheiro, mas para satisfazer as necessidades das pessoas. Nas palavras de Cabanas e Illouz (2019):

(...) para satisfazer as principais necessidades humanas, desde as mais básicas e sociais, como a sensação de segurança e estabilidade, até as mais altas e psicológicas, como felicidade ou autorrealização pessoal. O sucesso da teoria de Maslow, portanto, residia em oferecer um modelo de comportamento humano que se encaixava perfeitamente com as demandas empresariais do capitalismo do pós-guerra. (p. 96)

É desse pensamento que surge a ideia da construção de uma carreira, com um passo a passo a se seguir. Nessa perspectiva “(...) quanto mais necessidades a empresa atender, mais feliz, motivado e, portanto, produtivo, o trabalhador será” (CABANAS & ILLOUZ, 2019, p. 97). Para maior clareza, segue abaixo uma figura que representa o esquema da Pirâmide de Necessidades:

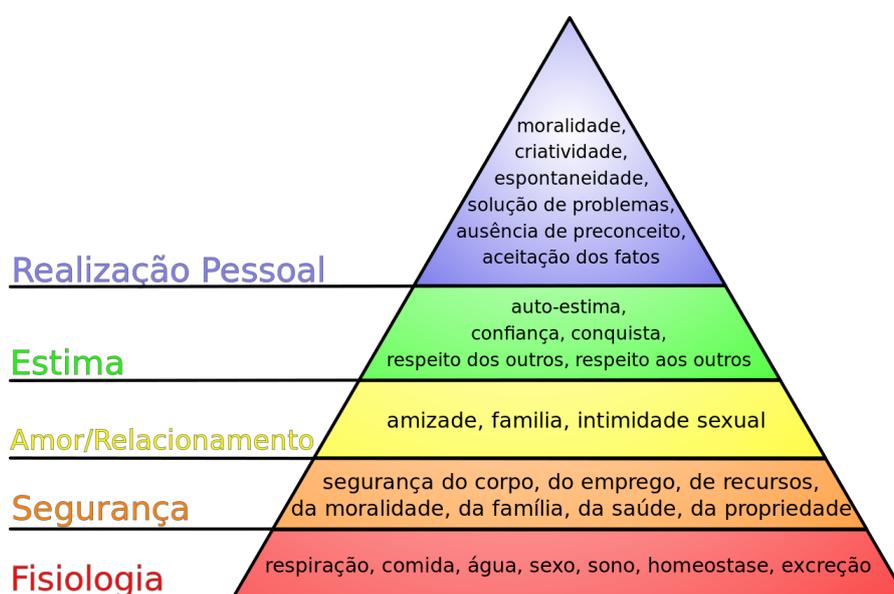


Figura 1. Pirâmide de Necessidades de Abraham Maslow²⁴

Segundo Cabanas e Illouz (2019), a partir da década de 80 um outro padrão foi sendo instaurado e a ideia de segurança e estabilidade vai se dissolvendo, a qual será mais bem elaborada no próximo capítulo. Isso acontece porque foi necessário a criação de uma nova narrativa, para que a responsabilidade sobre a seguridade, garantia de direitos e capacitação profissional deixasse de ser da empresa e fosse do indivíduo. A culpa e a frustração pela alta competitividade e instabilidade do mercado passam a ser do indivíduo, o que é sustentado pelo novo olhar do trabalhador como “empresa em si”, a qual parece dar liberdade, autonomia e poder ao indivíduo, mas na prática é ilusória, pois retira a responsabilidade do Estado e das empresas com relação aos processos de trabalho.

A Pirâmide de Maslow vai sendo reformulada e possui outros sentidos devido as novas formulações e estudos da psicologia positiva, a qual responde melhor as novas exigências do mercado, com foco na felicidade do indivíduo para que este seja produtivo no trabalho. A noção de carreira vai sendo substituída pela de projeto, em que não há mais tanta clareza de quais passos seguir, e eles ficam a cargo do indivíduo – é este que irá em busca de se capacitar e se adequar ao trabalho, e, se conseguir esse feito se destacando dos concorrentes, poderá ser bem-sucedido na profissão (CABANAS & ILLOUZ, 2019).

Nessa mesma linha, os trabalhadores deixaram de ser concebidos como uma ‘força de trabalho’, isto é, como um ativo no qual a empresa investiu, para serem definidos como ‘capital humano’, isto é, como um recurso ou valor econômico adquirido por empresas, mas nas quais o próprio trabalhador é responsável por investir em seus próprios meios. (CABANAS & ILLOUZ, 2019, p. 98/99)

Para abarcar todas essas temáticas, considerando as especificidades no aprendizado das pessoas, essa escola dispõe de serviços diferenciados para “garantir que o máximo de pessoas possível possa se beneficiar do que fazemos. Nós compartilhamos nossas ideias por meio de diversos canais, para que você possa escolher o formato que melhor funciona para você” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Como já fora mencionado estes são por meio de: livros; produtos de papelaria; jogos e presentes; aulas interativas; workshops; cursos e eventos (para pessoas e empresas); conteúdo digital; serviço de psicoterapia; coaching de vida e carreira; e biblioterapia presencial ou online. Alguns destes serão abordados no próximo tópico detalhadamente.

²⁴ A própria plataforma disponibiliza essa figura, mas em inglês. Para um melhor entendimento, ela foi encontrada no Google em português.

Portanto, o que acontece nesse método de ensino da The School of Life corresponde ao que Illouz (2011) chama de “intelectualização da vida cotidiana”, pois todas as emoções, pensamentos e comportamentos são colocados em evidência, sendo separados e racionalizados como forma de adquirir um maior autocontrole de si. A comunicação é colocada como central na vida dos indivíduos, pois é o que possibilita alcançar esse autoconhecimento. Nas palavras da autora:

O controle dos sentimentos, o esclarecimento dos valores e metas do sujeito, o uso da técnica do cálculo e a descontextualização e objetificação dos sentimentos, tudo isso acarreta uma intelectualização dos laços íntimos, em nome de um projeto moral mais amplo: criar igualdade e trocas equitativas, mediante o engajamento numa comunicação verbal implacável sobre as necessidades, os sentimentos e as metas do indivíduo. Tal como na empresa, aqui a comunicação é um modelo de e um modelo para, que ao mesmo tempo descreve e prescreve relações. (p. 23)

Essas análises e comparações buscam detalhar e demonstrar como fazer para se atingir um nível ideal de pessoa, o qual é relacionado à lógica de funcionamento desse modo de produzir e reproduzir a vida, ou seja, “torna as relações íntimas mais propensas a serem fungíveis, isto é, objetos que podem ser negociados e permutados” (ILLOUZ, 2011, p. 25). Desta forma, nos relacionamos com o outro, conosco e com tudo a nossa volta como produtos e coisas.

Serviços digitais da The School of Life

Os serviços da The School of Life abarcam dois níveis, o pessoal e o profissional e se dividem em três eixos principais: aulas, aulas especiais e os workshops profissionais. A maior parte dos cursos tem duração de 2 a 3 horas no máximo e são ofertados na modalidade presencial e online. No entanto, devido à pandemia está sendo disponibilizado somente o formato online. Além disso, há também atividades planejadas voltadas para empresas que entram em contato, aplicando os cursos de forma mais específica e de acordo com as demandas do local. Já os atendimentos particulares e individualizados se referem as terapias.

A Tabela 1 aponta alguns dos cursos da TSOL com o nome e seu valor correspondente, exatamente como é colocado nas abas da plataforma, separados em aula, aula especial e workshop profissional. Cada link possui uma descrição sucinta da proposta do curso e de como ele pode contribuir na vida de quem participa, também consta a

programação e fala um pouco sobre quem ministra a aula (há diversos profissionais como psicólogos, psiquiatras, coachings, entre outros).

Aula	Aula Especial	Workshop profissional
Ficar ou partir R\$198,00	A Arte do Autogerenciamento R\$218,00	Apoio Segurança Psicológica R\$218,00
Como ter melhores conversas R\$198,00	Aula experiência com os diários de Virginia Woolf R\$258,00	Como ser mais criativo R\$218,00
O Sentido da vida R\$198,00	Autoempatia e Autocuidado R\$198,00	Resignificando seu propósito com o trabalho R\$218,00
Como alcançar seu potencial de carreira R\$198,00	Mindfulness no Home Office R\$198,00	O poder da inteligência emocional R\$198,00
As vantagens de estar sozinho R\$198,00	A escrita de um diário R\$329,00	Desenvolvendo a diplomacia R\$218,00
Como encontrar o amor R\$198,00	A arte de solucionar problemas R\$198,00	Como ser mais confiante R\$218,00
Como fazer o amor durar R\$198,00	Manual prático de autocuidado R\$198,00	Autoconhecimento e saúde emocional R\$ 218,00
A arte de viver bem R\$198,00	Introdução a Mindfulness R\$198,00	Como desenvolver o espírito empreendedor R\$218,00

Tabela 1. Cursos da The School of Life no período de abril, maio e junho de 2021.

Ao observar a tabela acima é possível ver que os cursos se propõem a oferecer orientações bem pontuais e diretas, buscando resolver um problema ou uma dor específica da vida cotidiana, como por exemplo, “como fazer o amor durar”, dando ferramentas para tal e servindo como uma espécie de guia para a vida das pessoas. Esse formato de discurso corrobora com os dados encontrados na pesquisa de Prado (2015), a qual compreende que

a modalidade inicial de apoio emocional constatada na mídia pode ser caracterizada por trazer discursos prescritivos que se amparavam pelo estilo literário em sua gênese, e foi posteriormente desenvolvida com o desenvolvimento das sociedades de consumo culminando em produtos midiáticos mais massivos, trazendo a contribuição dos discursos dos especialistas. Nos termos de Geraldo Garcez Condé (2004, p. 1), os discursos prescritivos “teriam o propósito explícito de ensinar, conduzir, orientar, persuadir, influenciar, fornecer ou modificar os padrões de comportamentos dos indivíduos que os consomem”. (p. 65)

Portanto, esses discursos prescritivos vão se especializando mediante às questões que mais suscitam em determinados períodos da sociedade, se encaixando na vivência atual das pessoas, dando a elas um passo a passo de como seria o ideal de se comportar e de se relacionar. Os cursos duram cerca de 2 horas, o que parece ser pouco para tratar de assuntos tão complexos e possuem um valor alto, o que significa que não é qualquer

peessoa que consegue realizá-los. Eles abordam uma infinidade de temáticas sobre todas as áreas da vida, mas de forma mais genérica. Com base nisso, é necessário refletir sobre as problemáticas de achar que é possível, por exemplo, “aprender a encontrar o amor” em apenas algumas horas de aula. Os cursos aparentemente falam de questões cotidianas pertinentes, no entanto, é preciso ter cautela, pois são assuntos que envolvem muitas variáveis e não são simples

Ao fazer um panorama geral das descrições dos cursos é possível encontrar semelhanças entre eles, por exemplo, a maioria busca enfatizar os diversos benefícios que as aulas trarão tanto no âmbito das relações quanto no de trabalho. Isto é, como podem melhorar a qualidade de vida como um todo, pois, segundo a The School of Life, quando estamos bem alinhados com o nosso propósito e vivendo de acordo com nossas vontades, desejos e valores todas as áreas da vida também se alinham e podemos ser felizes mesmo diante das dificuldades. Todo apontam para a necessidade de uma mudança individual, sejam nos comportamentos, pensamentos ou sentimentos.

A TSOL trata de problemas nas relações interpessoais, a ansiedade, a depressão, a confusão profissional, os sentimentos de raiva e inveja, como questões que envolvem a falta de autoconhecimento e “regulação emocional” devido a forma de vida estressante que é experienciada atualmente. E, apontam como forma de resolução a necessidade de focar no presente, nas coisas simples da vida e valorizá-las para que se encontre de fato a felicidade. Isso corresponde ao que essa escola denomina de ser resiliente, ou seja, aceitar os problemas, conflitos e dificuldades, enxergá-los com um olhar mais otimista, para ter maior clareza e calma na hora de realizar as mudanças necessárias que melhorarão a vida como um todo.

Diante disso, percebe-se que nas descrições dos cursos até chegam a mencionar um aspecto social relevante a “vida estressante”, no entanto, não elaboram e nem refletem sobre isso de forma mais abrangente, levando em consideração que a estrutura da nossa sociedade também pode ser promotora desses problemas e adoecimentos mencionados. Nesse aspecto é exatamente como Scharff (2016) conclui que “o empoderamento é, portanto, enquadrado como um esforço individual e questões sociopolíticas mais amplas permanecem sem solução²⁵” (p. 114). A responsabilidade de se reconhecer e aceitar a realidade social recai sobre as pessoas e, a partir disso, fica a cargo delas mudarem sua

²⁵ Tradução minha.

própria vida, isto é, se adaptar e fazer o que é possível diante do que está posto socialmente.

Esses discursos da TSOL de enfrentar os obstáculos e ainda sim retirar o que é bom deles corresponde ao que Scharff (2016) aponta como manter a positividade diante dos problemas e a forma como o indivíduo lida com eles demonstra o quão bom se é gerenciando a própria vida. Nas palavras da autora: “alguns contornos da subjetividade empresarial, como ter uma atitude positiva, são despolitizantes. Quando atitudes positivas são valorizadas às custas da raiva ou do desespero, a crítica e o ímpeto de mudar algo diferente do eu têm pouco valor de uso.”²⁶ (p. 113). Portanto, a mudança fica sob controle de cada indivíduo particularmente, o que dificulta com que as pessoas enxerguem para além e percebam outros aspectos que também precisam ser modificados, sejam nos locais de trabalho ou no formato de sociedade em que vivemos.

Um fator que contrasta com o debate acima é que a partir da linguagem utilizada na descrição dos cursos há um direcionamento para aspectos individuais da personalidade, os quais ocasionam os problemas que a pessoa possa estar vivenciando, mas que podem ser transformados e resolvidos. É um discurso autocentrado e de comparação como forma de ressaltar a importância de desenvolver as habilidades emocionais e, com isso, incentivar a aderência dos serviços da TSOL. Isso é feito quando colocam exemplos de como é e de como não é ter domínio da habilidade em questão. Por exemplo, com relação a habilidade de ser uma pessoa mais objetiva é dito que quem a tem são:

Pessoas que demonstram objetividade quando dedicam tempo suficiente para a tomada de decisões. Elas se desconectam e refletem sobre as próprias reações potencialmente impulsivas e podem buscar a opinião de outros para compará-las às suas. Depois de tomar uma decisão, são capazes de explicar suas razões, mantendo sempre uma mente aberta sobre como os vieses podem afetá-los no futuro. Os colaboradores objetivos também podem ter limites claros que os ajudam a evitar preconceitos, como sempre deixar passar um tempo antes de tomar uma decisão ou nunca tomar mais de um drink com um cliente. (THE SCHOOL OF LIFE, 2021)

Ao contrário, pessoas que apresentam a falta de domínio sobre essa habilidade são aqueles:

Colaboradores e especialmente gestores com falta de objetividade tendem a tomar decisões espontâneas e impulsivas com base em emoções e percepções tendenciosas. Eles podem sentir ou expressar arrependimento por ações ou escolhas anteriores ou então defender veemente decisões que tenham consequências negativas. Têm dificuldade para lidar estrategicamente com

²⁶ Tradução minha.

preconceitos e, muitas vezes, sequer tem consciência deles. Questionar suas decisões pode colocá-los na defensiva, ao invés de produzir discussões frutíferas. (THE SCHOOL OF LIFE, 2021)

Essa linguagem utilizada pela plataforma cria um tipo de identificação, pois as pessoas se enxergam nessas situações que são descritas, pois elas são semelhantes ao que experienciam e a TSOL traz as tão ansiadas soluções para quem está passando por esses conflitos, o que ganha e motiva o público a comprar os cursos, aulas, psicoterapias etc. Isso reforça o quanto o que Scharff (2016) chama de sujeito empresarial está sendo constituído e modelado por características específicas. A questão central é viver uma vida voltada a transformações do eu, se autoconhecendo e aprendendo a se autocontrolar, diante disso “O impacto das forças socioeconômicas é negado e o bem-estar é apresentado como possível através da autogestão adequada.”²⁷ (p. 115).

A simplicidade com a qual descrevem os assuntos debatidos nos cursos também é notável. A TSOL aponta o problema, por exemplo, “o trabalho cotidiano pode facilmente nos deixar entediados ou esgotados”, e em seguida apresentam uma solução advinda de se aprimorar, “o que realmente precisamos é nos sentir reconectados com nossos valores básicos e com o impacto e benefício para o mundo do trabalho em nossas mãos” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). É um discurso simples sobre a vida e o trabalho, sem muita elaboração, em que a problemática é descrita a partir de sentimentos interno dos indivíduos e a resolução depende apenas da própria pessoa, pois basta se conhecer e se cuidar para que as coisas entrem nos eixos.

O que fica subentendido é que quando não conseguimos alinhar nossos valores com o da empresa a qual trabalhamos se torna necessário rever a profissão. No entanto, este pensamento desconsidera a alta taxa de desemprego do Brasil, ou seja, nem todos possuem esse poder de escolha, pois as condições básicas da vida não são supridas e, por isso, precisam trabalhar onde há vagas. Além disso, a TSOL afirma que todos podem mudar e desenvolver essas habilidades para se adequar em um trabalho, entretanto, não são todos que tem as condições de pagar por esses cursos, o que demonstra, mais uma vez, que não é com todos que a plataforma está conversando, mas sim com um estrato social específico.

O discurso individualizado e de culpabilização do sujeito da TSOL desconsidera os contextos e se relaciona com a atual precarização do trabalho, pois o debate se centraliza na esfera individual e tira-se a responsabilidade do Estado de dar suporte e

²⁷ Tradução minha.

assistência as pessoas. Isso também é perceptível na pesquisa de Scharff (2016), através dos relatos de pessoas que trabalham de forma autônoma. Ela constata que: “Alguns músicos ficaram ‘irritados’ (Isabella) por terem que trabalhar de graça. No geral, porém, a raiva raramente era evocada. Em vez disso, prevaleceram a autocrítica e sentimentos associados de ansiedade e insegurança.”²⁸ (p. 116). Contraditoriamente, os participantes da pesquisa da autora chegaram a sinalizar que as incertezas do tipo de trabalho que exercem são causadoras dessas ansiedades, mas apesar de identificarem esse aspecto, o entendem como algo natural da profissão que escolheram. Ou seja, da forma como são construídas e transmitidas essas ideias, elas dificultam que as pessoas consigam enxergar esses problemas com um fundo social e a responsabilidade acaba sendo do indivíduo de se adaptar e se sentir seguro mesmo na instabilidade, fica a cargo dele descobrir como aliviar os efeitos que são, na verdade, gerados por essa lógica do mercado. Portanto, essa constituição do sujeito empreendedor é marcada por contradições e discursos que divergem entre si.

Liz teve a sensação de que “se você não está no topo, corre o risco de perder a vida”. Aqui, inseguranças sobre o desempenho de uma pessoa estão ligadas a medos sobre o modo de vida de alguém. A ansiedade se torna predominante, ressonando com o argumento de Tyler (2013: 8) de que as democracias neoliberais ‘funcionam por meio da geração de consentimento por medo’. Na ausência de narrativas que destaquem o impacto das estruturas socioeconômicas na vida individual, e em um contexto em que o trabalho é vivenciado como precário, as ansiedades e a insegurança parecem prevalecer. (SCHARFF, 2016, p. 117)²⁹

Essas reflexões reafirmam o quanto esses novos modelos de trabalhos informais e autônomos, os quais não possuem o asseguramento de direitos básicos pelo governo, sendo eles nas mídias digitais ou não, são preocupantes, pois podem adoecer e causar impactos reais na vida dos trabalhadores. Toda essa problemática, como aponta Scharff (2016) e Slee (2017), se constitui em torno das políticas do neoliberalismo que reajustam o mercado modificando regras, leis e direitos sociais.

Assim como aponta Scharff (2016) e, também é identificado na plataforma, é possível observar uma negligência diante das desigualdades estruturais da nossa sociedade, principalmente com relação às questões de gênero, racismo e sexismo. Essas e outras pautas sociais se tornam ausentes nesses discursos, fortalecendo a formação desse sujeito empreendedor e reforçando que a mudança precisa ser interna e não externa. Na

²⁸ Idem.

²⁹ Tradução minha.

pesquisa dessa autora, nos comentários das pessoas entrevistadas esses debates não aparecem, pois eles não enxergam as discriminações que vivenciam ou quando percebem acabam encontrando maneiras de contornar a situação, reafirmando que sabem lidar com elas, portanto, isso não aparece como sendo um problema. Um exemplo evidente da falta de consciência sobre as diferenças é na fala de uma moça que tinha “observado que ‘curiosamente, muitos músicos de sucesso são homens’, Jasmin continuou dizendo ‘e eu não sei por que’³⁰.” (p. 116)

Praticar a gratidão pela vida, viver uma vida em equilíbrio e “mentalmente saudável”, se conectar consigo e com as próprias emoções, se acolher, ser gentil conosco para ser com o outro e se olhar com amor, são algumas das características descritas nos cursos, as quais são colocadas como primordiais para se viver uma vida feliz, primeiramente sozinho para depois ser feliz com o outro. Se autoavaliar, encontrar padrões de autossabotagem, conhecer as próprias fraquezas, forças, mágoas e ressentimentos, segundo a TSOL, são formas de se autoconhecer, sendo possível, a partir disso, modificar pensamentos e comportamentos para viver uma vida mais consciente e de acordo com a nossa “verdadeira identidade” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021).

Com todo esse aporte, segundo a The School of Life, é possível se comunicar melhor com as pessoas, expressar as próprias vontades, os defeitos e com isso, desenvolver uma sensibilidade de si mesmo e ao outro, pois passa-se a compreender o tanto de coisas que influenciam a vida para além do que é falado. É com esses argumentos que atraem seu público, oferecendo métodos, técnicas e estratégias para chegar a níveis elevados de inteligência emocional para ser possível confiar mais em si e na vida e saber quando confiar no outro.

O contexto social atual da pandemia também aparece com frequência nas descrições das aulas, pois ela nos possibilitou experienciar um novo formato de trabalho, o home office, o qual já existia, mas não era utilizado com tanta frequência. O trabalho remoto exige muitas adaptações e o desenvolvimento de novas habilidades e a The School of Life foca nisso como uma forma de reforçar o valor e a importância que tem os seus serviços, convencendo as pessoas a adquiri-los.

Por fim, em algumas aulas e workshops é acrescentado uma sessão de “o que já disseram sobre essa aula”, a qual consta alguns comentários de pessoas que realizaram os cursos da plataforma. Portanto, a Tabela 2 foi construída para se ter um parâmetro e

³⁰ Idem.

visualizar de forma mais clara o que está sendo dito da The School of Life por essas pessoas.

Cursos	Comentários
Ressignificando seu propósito com o trabalho	"Ferramentas impecáveis e ágeis"
Objetividade	"Esta foi minha segunda aula, e ambos foram excelentes!"; "A experiência me ajudou a considerar as razões por trás de sentimentos e percepções irracionais"; "O workshop me mostrou a importância de diminuir a velocidade para pensar nas coisas com cuidado"
A Força da Resiliência	"Achei bem interativa, deu pra conhecer novas pessoas, fazer reflexões, muito além de assistir uma palestra"; "Estimulante, reflexiva e prática"
Autoconhecimento e Saúde Emocional	"Aula rica, transformadora e com muita compaixão"
Dalloway Day at Night (Virginia Woolf)	"É ótima a sensação de não perder um conteúdo tão importante pela impossibilidade de ser presencial"
Desenvolvendo a Calma	"Foi super interativo e completo!"; "Mescla de teoria e prática, com grupos de discussão e exercícios. Professor com ótima didática, ppt claro e conciso"
A Arte de Viver bem	"Achei uma aula leve e um tema super atual. Maravilhosa!"
Como Encontrar o Amor	"Mesmo online a aula foi super dinâmica, colegas super engajados e a professora ótima"
Como Fazer o Amor Durar	"Achei super dinâmico e interativo. Excelente!"; "O Professor tem uma ótima didática e possibilitou atividades práticas com os outros participantes, o que permitiu um engajamento na aula"; "Achei que os recursos do zoom foram muito bem utilizados, não foi apenas uma palestra"; "Rica, motivante e reconfortante"

Tabela 2. Comentários dos alunos da The School of Life sobre os cursos realizados.

Com base na tabela acima, percebe-se que nos comentários há muitos elogios com relação aos cursos, aos profissionais que o aplicam e ao fato de haver bastante interação entre os participantes. Diante disso, as pessoas parecem estar satisfeitas com o que lhes foi ensinado, pois o desempenho educacional da TSOL está com ótimas avaliações na plataforma. No entanto, os relatos são poucos, simples e bem sucintos o que torna difícil uma avaliação mais aprimorada e contundente da realidade em si. Pouco se falou sobre o conteúdo das aulas, se este trouxe alguma transformação mais concreta na vida e se de fato é possível ter uma aplicabilidade no dia a dia. Os comentários são bem pontuais e expressam mais os sentimentos dos participantes com relação a temática do curso. Ademais, também elogiam as ferramentas digitais utilizadas para ministrar as aulas, assim como a forma como o professor as usa, ressaltando a importância de elas existirem e eles não perderem a oportunidade de participar das aulas mesmo em tempos de pandemia.

Logo, aparentemente, o que todos os cursos apresentam como uma questão geral e comum são os obstáculos emocionais que dificultam enxergar as situações da vida com clareza. Tudo se torna um problema emocional circunscrito ao indivíduo, de modo que os serviços oferecidos pela TSOL se apresentam como a solução, pois garantem que podem ensinar de que maneira é possível se aprimorar para que esses problemas sejam resolvidos e não voltem a ocorrer ou se ressurgirem as ferramentas estarão ali para que as pessoas saibam aceitar e lidar de uma forma melhor. Por isso, a plataforma discute sobre a importância de saber separar o sentimento da realidade em si para pensarmos além da nossa experiência. As aulas abrangem uma mesma problemática, mas em formatos diferentes, com cursos distintos que vão ensinando habilidades que servem para um mesmo fim – ter uma vida equilibrada e saudável em todas as áreas. Desse modo, ditam as melhores formas de pensar, sentir e agir, ou seja, ser mais calmo, paciente, sereno, enfim, tudo que já foi exposto acima.

A Tabela 3 foi elaborada para um melhor entendimento de quais são os serviços individuais e de como eles são ofertados. Ela contém explicações básicas sobre cada um dos modelos. Além desta, há também os serviços personalizados oferecidos somente para empresas e a tabela detalhada sobre eles será descrita no capítulo 3 desse estudo. Com relação às terapias é possível ter acesso aos valores, mas para o atendimento às empresas é necessário estabelecer um contato direto com a The School of Life para fazer um orçamento de acordo com as especificidades de cada uma.

Terapias	Descrição	Valor
Psicoterapia	As sessões de Psicoterapia acontecem na sede da The School of Life na Vila Madalena ou on-line e têm duração de 60 minutos.	R\$445,00 cada sessão
Terapia de Casal	As sessões individuais têm duração de 60 minutos e as com o casal de 1h30 a 1h50. O primeiro passo para participar da terapia de casal é agendar uma sessão inicial individual para cada parceiro e uma terceira sessão com o casal.	As sessões individuais custam R\$445,00 e o terceiro encontro é R\$715,00
Coaching de vida e carreira	Inicialmente é realizada uma sessão introdutória de 75 minutos com o Coach, presencialmente ou on-line. Através de perguntas feitas por ele, será definido as metas e os passos necessários para alcançá-las. Encontros subsequentes estão disponíveis em blocos de quatro sessões de 60 minutos cada. Idealmente para um ciclo completo de Coaching sugere-se de 8 a 12 sessões.	A sessão introdutória custa R\$475,00 e as jornadas de quatro sessões têm o valor de R\$1.700,00
Biblioterapia	As sessões de biblioterapia podem ser individuais ou em grupo (sob consulta). Antes, é necessário responder um questionário, um tipo de anamnese literária, o qual deve ser entregue com 48 horas de antecedência. As sessões têm duração de 60 minutos.	R\$260,00 cada sessão

Tabela 3. Serviços particulares da The School of Life (abril de 2021).

De acordo com a Tabela 3 é possível, novamente, deduzir que as pessoas que os procuram para os atendimentos psicológicos têm disponibilidade financeira alta, denotando um perfil de classe e de escolaridade elevado. Tendo em vista que o processo psicoterapêutico exige um acompanhamento de pelo menos 15 em 15 dias, em um mês individualmente seriam 890,00 e se realizado semanalmente o custo seria de 1.780,00. Portanto, na situação atual do Brasil, não é qualquer pessoa que consegue fazer uso desses serviços da plataforma.

A The School of Life não oferece atendimentos, cursos, aulas ou workshops gratuitos³¹, mas disponibilizam de forma gratuita alguns conteúdos digitais através do: e-mail, Facebook, Twitter, Instagram, LinkedIn, canal do YouTube e pelo Blog. Ao se cadastrar na *newsletter* do e-mail é possível ter 10% de desconto nas aulas, além de receber conteúdos semanais sobre questões do dia a dia. O canal do YouTube, a aba de artigos da plataforma e alguns sites que foram citados no tópico anterior que eles gerenciam são os únicos conteúdos que não tem a versão brasileira, são todos em inglês (mas os vídeos do YouTube possuem legendas e alguns artigos são traduzidos para o Blog). Todas as outras redes sociais possuem as páginas do Brasil.

³¹ Com exceção do início da quarentena em 2020, em que foram ofertados alguns cursos gratuitos, mas com vagas limitadas.

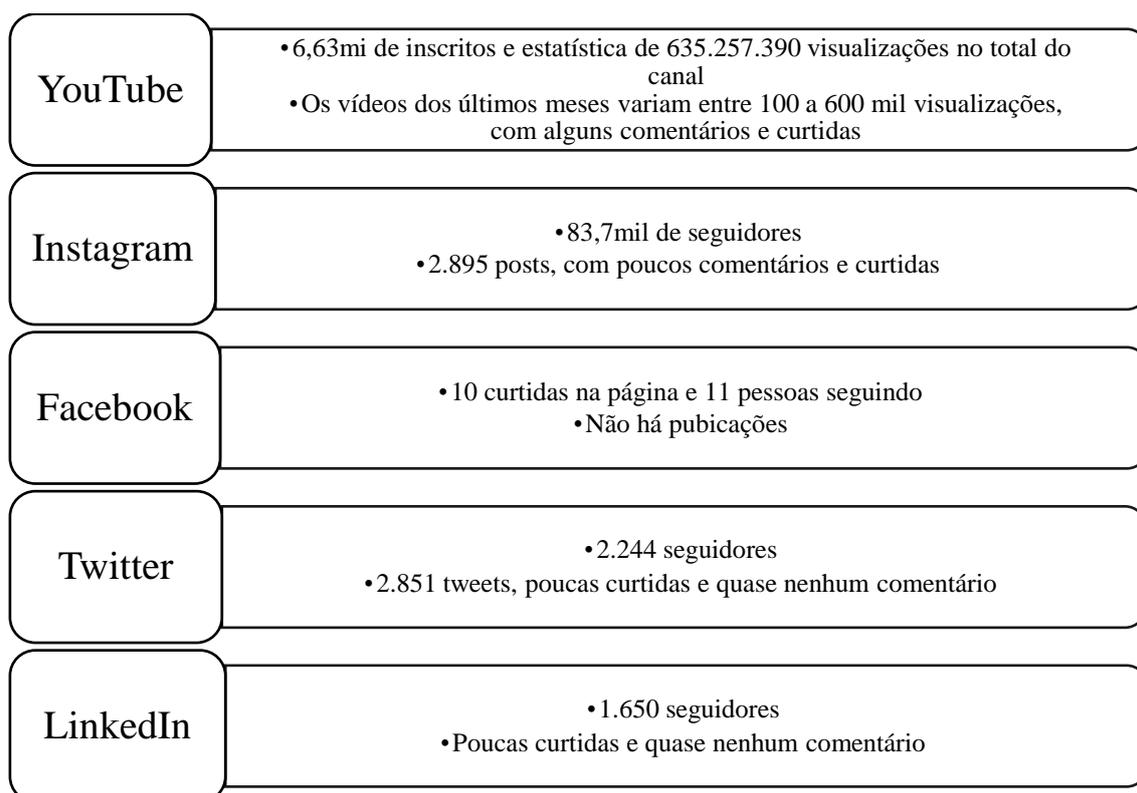


Diagrama 1. Informações sobre as redes sociais (abril de 2021).

O diagrama 1 traz algumas informações sobre as redes sociais da The School of Life, as quais mostram haver pouca interação das pessoas nestes canais. O YouTube é gerenciado pela sede estrangeira e é a rede com mais interações, no que diz respeito à comentários e curtidas (de 200 a 10mil aproximadamente), mas quando comparado ao número de visualizações dos vídeos pode-se concluir que a interação ainda é baixa, sendo que as curtidas são maiores que a quantidade de comentários. Para se ter uma noção sobre a quantidade de visualizações e quais temáticas chamam mais atenção do público, a Tabela 4 apresenta os sete vídeos mais vistos no período de um ano (entre abril de 2020 a abril de 2021).

	Vídeo	Vizualizações
1°	The importance of dancing like an idiot	858mil
2°	What do you love me for?	749mil
3°	12 signs you might be suffering from complex PTSD	731mil
4°	How to learn to love oneself more	657mil
5°	The three requirements of a good relationship	628mil
6°	How romantic attachment works	564mil
7°	Why Voltaire said: you must cultivate your own Garden	552mil

Tabela 4. Vídeos mais visualizados do canal da The School of Life no YouTube no período de um ano.³²

Os vídeos mais visualizados neste período podem ser caracterizados por duas temáticas principais, sendo a primeira o autocuidado, ou seja, voltar-se mais para o amor-próprio e para atividades que favoreçam o autoconhecimento, como forma de melhorar a relação consigo mesmo. A segunda com maior destaque é a área de relacionamentos e nessa, os vídeos abordam sobre como se relacionar de formas mais saudáveis, principalmente com o foco no amor. Isso evidencia o quanto as pessoas estão em busca de melhorar aspectos sobre si mesmo, seja para se sentirem melhor ou para adentrarem em uma relação amorosa.

No Instagram há bastante divulgação dos dias e horários das aulas, além da publicação de muitas frases que levam a reflexões, as quais parecem ter o intuito de incentivar e dar motivos para as pessoas a se inscreverem nos cursos da plataforma. Os Stories do Instagram que duram somente 24 horas acabam por ser um meio de interação, pois os alunos publicam sobre estar participando das aulas indicando o @ da The School of Life, o que expande o alcance do público, e neles os administradores também disponibilizam dicas sobre questões cotidianas, alguns vídeos curtos e *lives*³³. No entanto, nas publicações do *feed* há poucas interações com relação a comentários e curtidas.

O Facebook não é uma rede muito utilizada, pois não há publicações e não movimentam a página. No Twitter e no LinkedIn os conteúdos são bem parecidos com

³² Tradução minha: 1° A importância de dançar como um idiota; 2° Pelo que você me ama?; 3° 12 sinais de que você pode estar sofrendo de complexo de PTSD; 4° Como aprender a se amar mais; 5° Como ter relacionamentos mais simples; 6° Como funciona o anexo romântico; 7° Porque Voltaire disse: você deve cultivar seu próprio jardim.

³³ As *lives* são transmissões ao vivo que as pessoas fazem no Instagram, as quais costumam durar uma hora e tratam de um tema em específico.

os do Instagram, não se diferenciam muito e, também, há pouca interação de curtidas e comentários. Portanto, conclui-se que as redes mais ativas, no sentido de diálogo com o público, são o Instagram e o YouTube.

E, por fim, o Blog possui uma série de conteúdos distribuídos em 4 categorias: autoconhecimento, amor, cultura e trabalho, tendo arquivos publicados desde 2017 até hoje. A maior parte desses textos são traduções dos artigos do site da TSOL de Londres. Para exemplificar, a Tabela 6 mostra os títulos de alguns dos textos para ficar mais claro como esses assuntos são abordados. Os textos são curtos e tem como objetivo trazer uma reflexão pontual aplicada ao dia a dia, reforçando a importância de aderir aos cursos dessa escola para se aprofundar no tema.

Autoconhecimento	Amor	Cultura	Trabalho
<ul style="list-style-type: none"> • Sementes de esperança 2021 • Solitude não é solidão • O que é saúde mental? • Como ter conversas sinceras 	<ul style="list-style-type: none"> • Como parecer interessante • Um relacionamento bom o suficiente • Uma carta para o bem dos relacionamentos • O que faz um relacionamento ser bom 	<ul style="list-style-type: none"> • Arte como cura para a ansiedade • Registrando e revisitando nossas memórias • Livros, cards e jogos da The School of Life • Uma abordagem terapêutica da arte 	<ul style="list-style-type: none"> • Você é um bom solucionador de problemas? • Como encontrar propósito no trabalho? • As nossas emoções e autopercepção • Resolvendo conflitos diplomaticamente

Tabela 5. Algumas temáticas dos textos do Blog da The School of Life.

Diante dos serviços descritos nesse tópico é possível perceber que a TSOL busca abordar questões das áreas da vida de uma classe específica, de diferentes formas, meios e métodos, a partir de um enfoque no âmbito relacional e do trabalho. No entanto, apesar de enfatizarem o aspecto cultural, este acaba sendo utilizado de modo individualizado como forma de desenvolver apenas as habilidades emocionais. A sensação que passa é a de adaptar as pessoas nesse formato de sociedade, aos novos desdobramentos do universo do mercado, com todas as problemáticas que ela envolve. Não é identificado uma tentativa de reflexão sobre como a culpabilização de aspectos individuais debilitados em nossos comportamentos e relações também advêm de problemas sociais maiores, os quais merecem uma atenção para debates de transformações estruturais necessárias atualmente,

pois não é o objetivo da plataforma, já que esta é direcionada a um público específico que não tem interesse em lutar por essas mudanças.

O ensino de habilidades emocionais na The School of Life

A TSOL afirma em seus conteúdos o quanto o ensino tradicional negligencia abordar os assuntos que promovem o desenvolvimento da inteligência emocional e, portanto, não possibilitam que os alunos atinjam um maior nível de autoconhecimento. Em seus materiais chega a mencionar que a “educação formal rouba nossos poderes criativos inatos” (THE SCHOOL OF LIFE PARA EMPRESAS, p. 10). Nessa perspectiva, a escola deveria se posicionar de forma diferente, em suas palavras:

Nos departamentos adultos das escolas, deveria haver cursos sobre como conversar com estranhos ou como lidar com o medo de envelhecer, como se acalmar e como perdoar. Deveria haver aconselhamento de carreira para pessoas de meia idade. As escolas deveriam ser onde uma comunidade é educada, não só um lugar para crianças. Então as crianças deveriam sentir que estão participando dos primeiros estágios de um processo que dura a vida inteira. Algumas salas deveriam ter crianças de sete anos aprendendo ao lado de pessoas de cinquenta (tendo sido percebido que as duas gerações têm maturidades equivalentes em uma determinada área). Nesse Utopia, a frase ‘eu terminei a escola’ soaria extremamente estranha. (THE SCHOOL OF LIFE, 2021)

Seguindo na contramão desse discurso de que a educação limita nossa criatividade, Malanche e Duarte (2018) relembram o papel do sistema educacional de desenvolvimento e humanização, o qual tem como objetivo a transformação dos indivíduos, para que eles atinjam o melhor potencial de si mesmo e o da sociedade como forma de alcançar uma vivência mais justa e menos desigual. Pensamentos como esse da TSOL distorce e desvalida a atuação da escola e, como ressalta os mesmos autores, isso acaba por suscitar conclusões precipitadas e equivocadas com relação ao ensino, perpetuando “o discurso raso de parlamentares, intelectuais orgânicos e de empresários vinculados a grandes grupos econômicos, desqualificam não só o trabalho dos professores como também o da escola pública enquanto centro de formação e humanização.” (p. 16), e como tal, utilizam desses argumentos para reforçar a privatização da educação como solução desses problemas.

No que diz respeito ao ensino ser compreendido como contínuo, ocorrendo durante toda a vida e da necessidade da reformulação dos espaços educacionais, as críticas The School of Life são coerentes. No entanto, elas desconsideram os avanços das

pesquisas científicas referentes a essas problemáticas, as quais apontam soluções mais bem elaboradas do que apenas o ensino de habilidades emocionais como a plataforma sugere. Esses estudos inserem a escola nessa era tecnológica, reconhecendo as falhas, mas buscando superá-las. Além disso, a TSOL ignora a importância da institucionalização da educação para a sintetização e repasse do conhecimento científico, histórico e cultural acumulado, como forma de promover o desenvolvimento humano. E desconsidera o papel do ensino público de possibilitar o acesso de toda a população ao ensino e não apenas de quem pode pagar.

Assim como o espaço educacional, as novas modalidades de ensino encontradas na internet estão inseridas em um contexto social envolto de problemas, da desigualdade e de adoecimentos psíquicos, estando todas sujeitas as falhas e contradições, as quais precisam ser analisadas em profundidade e com rigor científico. Nesse cenário, os problemas educacionais são relacionados ora ao ambiente escolar, ora aos alunos e até mesmo aos professores, esquecendo de considerar as políticas e o modelo educacional em si propagado em nossa sociedade. Diante disso, com relação à escola tradicional, é necessário lembrar que

toda a ação educativa deve ser intencional e direcionada, e é indispensável para o processo de humanização e transformação social. No entanto sabemos que estando à ação educativa implantada na sociedade capitalista ela traz em seu cerne inúmeras contradições. Por um lado ela responde as necessidades da classe burguesa após a revolução industrial de formar mão de obra e simultaneamente estabelecer controle ideológico sobre esta mesma e por outro, expressa o anseio de socialização do saber elaborado com o intuito de elevação do espírito humano e de emancipação do gênero humano frente à natureza. (MALANCHE & Duarte, 2018, p. 18)

Diante dessa realidade atual, os debates sobre uma educação empreendedora e tecnicista são bem mais aceitos e teorias críticas que buscam a transformação dessa realidade e a formação humana integral são muitas vezes negligenciadas. Nas palavras de Pacheco e Derisso (2018, p. 663):

os projetos e medidas apontadas no artigo demonstram a existência de um processo de descaracterização da instituição escolar, mais particularmente o ensino público que passa a ser descolado da realidade social, num sentido amplo para comprometê-la com uma educação pragmática de atendimento das demandas do mercado de trabalho e ideologicamente ancorada numa perspectiva extremada do neoliberalismo.

É importante contextualizar a realidade brasileira, pois a The School of Life parece não a levar em consideração em seus discursos. Isso demonstra como a política e a economia tem influência sobre o ensino institucionalizado, não sendo apenas um

simples problema de os alunos não serem ensinados a desenvolver a inteligência emocional ou de a escola não promover uma educação mais criativa e contínua como sugere os materiais da plataforma. Os problemas são mais complexos, existe uma negação da educação como direito social no Brasil que a The School of Life desconhece, pois foi fundada em outro país, no qual talvez seja possível o pagamento pelos serviços por ela oferecidos. Diante desse contexto, a solução não deveria ser o ataque ao ensino público no sentido de privatizá-lo ou de colocar a cargo de outras instituições a responsabilidade de ensinar, mas sim lutar por transformações nas políticas públicas e por investimentos na reformulação dos espaços educacionais a partir do aporte científico e voltadas ao desenvolvimento humano integral.

Em contrapartida, o que é oferecido pela TSOL se apresenta como um ensino humanizado, não sendo neutro e nem apenas tecnicista. Há uma oferta de aperfeiçoamento emocional altamente intelectualizada, no sentido de envolver a utilização de conhecimentos e ferramentas de diversas áreas de estudo de forma aprofundada, como por exemplo, a literatura, psicologia, filosofia, artes visuais, entre outros. A questão é que há uma desconsideração do entendimento da escola de modo mais amplo, principalmente com relação a importância no contexto brasileiro, especialmente quando se reflete sobre a desigualdade de classe social, gênero, raça e sexualidade.

Por fim, vale ressaltar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como sendo um documento que norteia a atuação das escolas pois descreve o que é necessário ser aprendido e desenvolvido em cada período, também passou a inserir o desenvolvimento do âmbito das competências e práticas socioemocionais em seus escritos (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2021). A preocupação que se instaura é o espaço que se abre para negligenciar questões teóricas que desenvolvem o pensamento crítico, em detrimento da capacitação por meio da aprendizagem de habilidades emocionais. Pois, como salienta Malanche e Duarte (2018), a BNCC é financiada por grandes empresários que tem como pretensão a privatização do sistema de ensino, ou seja, a classe dominante continua a exercer ainda mais fortemente o controle dos trabalhadores.

Assim sendo, a BNCC é um documento que deixa evidente o quanto o Estado não se preocupa “em socializar o conhecimento objetivo, e conseqüentemente em investir em educação pública, e sim esvaziar a escola de conteúdos ou até mesmo desmontá-la ou torná-la um nicho de mercado de exploração para os empresários da educação” (MALANCHE & DUARTE, 2018, p. 17).

A The School of Life, como forma de suprir as necessidades da aprendizagem de habilidades emocionais que, em sua perspectiva, no ensino tradicional é insuficiente, oferecem cursos, aulas e workshops como já fora mencionado. O Diagrama 2 se refere às áreas que precisam ser desenvolvidas e trabalhadas para aprimorar e aumentar o nível de inteligência emocional dos indivíduos. Todos os serviços são planejados e aplicados de forma a considerá-las.

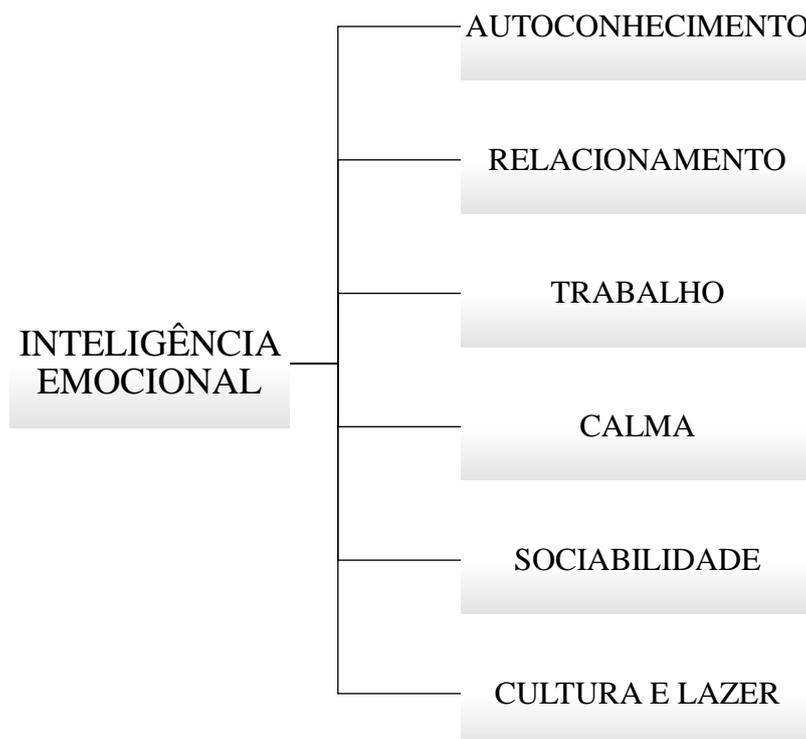


Diagrama 2. Desenvolvimento da Inteligência Emocional para a The School of Life.

O autoconhecimento, segundo a TSOL, é o pilar central, o qual possibilita o desenvolvimento de todas as competências emocionais no geral. Para essa escola é o autoconhecimento que faz com que os indivíduos desfrutem de uma vida mais alegre, saudável e resiliente, a qual se encaminha para a felicidade. Nessa perspectiva, se educar para alcançar o ser feliz é o que tornará a experiência de cada pessoas mais significativa e completa. Estar sensível a si mesmo e ao outro, entendendo todas as nuances da vida em profundidade e sem julgamentos, é o que permite agir com maior autocontrole.

A inteligência emocional é a qualidade que nos permite negociar com paciência, discernimento e temperança os problemas centrais em nossas relações com os outros e com nós mesmos. Ele aparece em torno de parcerias em uma sensibilidade aos humores dos outros, em uma prontidão para compreender o que pode estar acontecendo para eles além da superfície e entrar imaginativamente em seu ponto de vista. Ele aparece em relação a nós mesmos quando se trata de lidar com raiva, inveja, ansiedade e confusão profissional.

E inteligência emocional é o que distingue aqueles que são esmagados pelo fracasso daqueles que sabem como saudar os problemas da existência com uma melancolia e em pontos sombriamente humorísticos resiliência (THE SCHOOL OF LIFE, 2021).

A ideia de educar para a felicidade é discutida por Cabanas e Ilouz (2019), em que eles apontam o interesse da psicologia positiva e dos economistas da felicidade em inserir nas escolas e universidade o ensino dessas competências, como forma de amenizar os problemas educacionais e melhorar a vida e o desenvolvimento dos estudantes. Assim como essas abordagens, a TSOL enfatiza que para se aperfeiçoar e alcançar altos nível de inteligência emocional é preciso construir um currículo, o qual seja voltado à categorização das habilidades emocionais, segundo a plataforma, “Devemos estar prontos para embarcar em um programa educacional sistemático” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021).

Essas temáticas são debatidas e incentivadas por grandes empresários, os quais investem para conseguirem implantar esses projetos apenas com interesse de lucrar a longo prazo, pois produzem uma mão de obra mais eficaz, produtiva e mais fácil de controlar. Essa “noção de educação positiva se baseia na crença de que fatores emocionais e psicológicos são facilitadores ou barreiras à aprendizagem mais importantes do que fatores sociológicos”³⁴ (CABANAS E ILLOUZ, 2019, p. 83). Os que apoiam esse novo formato de ensino dão prioridade à economia e ao modelo social vigente, eles não consideram

que a educação precisa enfrentar muitos outros problemas que não são de natureza psicológica. Novamente, questões como o multiculturalismo ou exclusão social nas escolas, o crescente fosso educacional entre ricos e pobres no acesso à educação, cortes nas bolsas de estudo e investimentos em escolas públicas, institutos e universidades, ou o aumento de a precariedade entre os professores. (CABANAS E ILLOUZ, 2019, p. 85)³⁵

A The School of Life propõe que é possível determinar um passo a passo e disponibilizam uma espécie de manual que serve como guia em busca do desenvolvimento emocional, o qual possibilita “insights que podem nos mover para além do nosso estado natural” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Nesse sentido é que se alcança o que no site é denominado de “maturidade emocional”, sendo este um processo a ser melhorado por toda a vida.

³⁴ Tradução minha.

³⁵ Idem.

No entanto, a pesquisa de Cabanas e Illouz (2019) aponta para dados contrários, mostrando que vários estudos estão sendo realizados e comprovam que esse formato de educação positiva não é tão benéfico quanto o discurso apresenta, pois ela “instila os alunos em uma preocupação obsessiva com sua vida emocional que prejudica sua autonomia e os apresenta a um círculo vicioso de ansiedade e dependência psicoterapêutica”³⁶ (p. 87). Ou seja, além de não contribuir tanto quanto eles falam, ainda acaba por ocasionar maiores prejuízos a vida psíquica. Em suas palavras:

nenhum dos programas avaliados em termos de emoções positivas, resiliência, autocontrole, autoeficácia ou perseverança permitiu manter a existência de uma relação causal entre esses aspectos e o desempenho escolar, nem serviram para prever o comportamento futuro dos jovens. Na melhor das hipóteses, diz Ecclestone, os resultados desses programas são inconclusivos; "Na pior delas", continua ele, "são programas que promovem o empreendedorismo e usam a ciência para obter financiamento"³⁷. (p. 89)

Por fim, a The School of Life ao discorrer sobre sua atuação enquanto escola que promove um ensino diferenciado e voltado as habilidades emocionais, coloca em primazia as experiências da vida em si, sendo elas que devem ser analisadas e aprimoradas, pois é com a vivência diária que se adquire os aprendizados para viver uma vida mais satisfatória e não com o ensino institucionalizado. No site é ressaltado que:

Há um paradoxo deliberado no termo A Escola da Vida. A escola é destinada a nos ensinar o que precisamos saber para viver – e ainda assim, como a frase sugere com tristeza, na maioria das vezes é a vida – pela qual realmente queremos dizer, experiência dolorosa – que faz a maior parte da instrução para nós. A verdadeira instituição chamada Escola da Vida, portanto, carrega uma esperança e uma provocação. Ousa acreditar que podemos aprender, em tempo bom e sistematicamente, o que poderíamos adquirir apenas através de muitas décadas de tropeços. Deixamos coletivamente um pouco do que é mais importante saber ao acaso; negamos a nós mesmos a oportunidade sistematicamente de transmitir sabedoria – reservando nossa crença na educação às habilidades técnicas e gerenciais. No entanto, a educação devidamente compreendida deve abranger todas as áreas de experiência e não é menos uma loucura imaginar que cada nova geração deve trabalhar para si mesma como as relações funcionam do que insistir que eles tentam reinventar a física ou as leis da economia a cada 25 anos. A Escola da Vida é – em última análise – uma instituição que acredita na tentativa de nos poupar tempo. (THE SCHOOL OF LIFE, 2021)

Nessa citação acima é uma das poucas vezes em que utilizam o nome da escola em português, talvez para chamar a atenção para o fato de que ensinam as pessoas a viverem, criando incentivo e identificação do público com a TSOL. Essas falas têm como objetivo mostrar que a vida é onde aprendemos, mas que com o passo a passo

³⁶ Tradução minha.

³⁷ Idem.

disponibilizado por essa escola é possível otimizar o tempo, minimizar ou diminuir os erros e alcançar resultados mais rápidos e melhores.

A The School of Life têm um discurso que visa integrar e dar importância ao desenvolvimento de todas as áreas da vida de qualquer pessoa e não somente às habilidades emocionais, mas aos diversos tipos de saberes. No entanto, ao ser analisada com profundidade, suas ideias, pensamentos e interesses correspondem ao de uma classe específica e privilegiada e desconsideram contextos e conhecimentos científicos, históricos e sociais. Ou seja, a fala e a prática não se correspondem. Além disso, fica claro que esse foco em poupar tempo e até recursos a partir da promoção de uma educação emocional sistematizada e objetiva é voltada à formação para o mercado de trabalho. Isto é, os sujeitos são educados e suas subjetividades são modeladas para se adaptar ao universo mercadológico, sem questioná-lo.

3. A Escola da Vida para empresas

A The School of Life oferece diversos tipos de serviços para qualificar as empresas no âmbito emocional, como já foi descrito e brevemente analisado no capítulo anterior. Os quais tem como objetivo, em suas palavras, ensinar “habilidades emocionais aos colaboradores” como forma de melhorar a qualidade do ambiente de trabalho e a produtividade em si. Ou seja, esses espaços institucionais são utilizados para aplicação de seus conteúdos, sendo esta também uma forma de, posteriormente, acessar e captar os clientes individualmente. É interessante notar que é utilizado o termo colaboradores para se referir a quem presta serviço nessas empresas, pois essa é uma forma de fazer os indivíduos se sentirem parte dela, como quem colabora, sendo ativos no processo. Essas reflexões corroboram com a análise de Cabanas e Illouz (2019, p. 22) sobre como as

técnicas de felicidade facilitam a aquiescência e conformidade dos funcionários com a cultura da empresa, como eles exigem explorar emoções positivas, colocando-os a serviço da produtividade e como se movem nas costas de funcionários o ônus da incerteza do mercado, escassez de empregos, competitividade e insegurança estrutural.³⁸

Diante disso, essas características que correspondem à estrutura social e à lógica do mercado acabam sendo direcionadas para o nível individual, sendo responsabilidade das pessoas se adaptarem para se enquadrarem nas novas exigências. Esse enquadramento é possível, segundo essa perspectiva, a partir do desenvolvimento de competências emocionais e, principalmente, do reconhecimento de que o sucesso depende de os sujeitos estarem felizes. Isso pode estar contribuindo para o movimento de desonerar o Estado de oferecer educação e deixar à cargo do mercado (o qual a própria TSOL faz parte) formar profissionais adequados, por isso essa escola oferece cursos para empresas. Nas entrelinhas a TSOL está articulando um discurso que enfatiza o caráter de empresas como ela como mais importante do que as escolas públicas.

A seguir, a Tabela 6 foi desenvolvida para mostrar de forma sucinta e objetiva os serviços personalizados que a TSOL oferece para as empresas que a procuram.

³⁸ Tradução minha.

Para empresas	Descrição	Temática
Workshops de habilidade emocionais	Os workshops virtuais oferecem às equipes a oportunidade de aprender diversas habilidades emocionais. As sessões são ministradas pela nossa equipe de especialistas. O formato é interativo e ao vivo.	Habilidades ensinadas: adaptabilidade, calma, confiança, comunicação, decisão, eficácia, inovação, liderança, objetividade, propósito, espírito empreendedor, resiliência, autoconsciência, apoio, criatividade e diplomacia.
Bem-estar emocional	Para a The School Of Life o bem-estar emocional se trata do florescimento do potencial humano, definindo o seu dia com um senso firme do que é importante e por quê.	Entendendo a depressão e o bem-estar emocional; Manual prático de autocuidado; Autocompaixão e autocuidado; Autoconhecimento e saúde emocional; Arte como terapia; Mindfulness em momentos de incertezas; A arte da gentileza e empatia; Desenvolvendo a calma.
Encontros de conversas	A partir de um misto de conteúdo, usando uma combinação de palestras curtas e discussões estruturadas, um membro do corpo docente conduzirá uma sessão de grandes ideias e perspectivas reveladoras. As conversas acontecem preferencialmente no ZOOM para um grande grupo de pessoas, por até 1h30min. Os participantes falarão com o grupo todo e também nas salas privadas para trocas mais profundas.	Cultura – artes em geral; Diversidade – princípios de inclusão para cada um e para a empresa; Trabalho e vida pessoal – equilíbrio entre carreira e vida fora do trabalho.
Jornada de liderança	Um programa dedicado de sete workshops para líderes atuais e aspirantes – gerentes, executivos, chefes de departamento, executivos e empreendedores. A série consiste de versões especializadas e ampliadas dos workshops profissionais regulares. Cada workshop tem duração de três horas (em vez das duas horas habituais).	Liderança, autoconsciência, propósito, decisões, resiliência, apoio e inovação.
Palestra	Uma série de palestras interativas de uma hora sobre o papel das emoções nos negócios e no ambiente de trabalho.	Inteligência emocional no trabalho; O poder da colaboração.

Tabela 6. Serviços personalizados oferecidos para empresas.

Diante desses modelos ofertados é perceptível que o enfoque dos serviços oferecidos para empresas é voltado ao desenvolvimento de habilidades emocionais individuais como forma de aprimoramento e aumento da produtividade das pessoas dentro do ambiente de trabalho. A TSOL direciona para o aspecto individual, ou seja, na mudança pessoal para adaptação aos valores e objetivos da empresa e para se adequar ao que é exigido pelo mercado hoje. Esses dados e reflexões corroboram com os trazidos pela pesquisa de Scharff (2016), pois quando ela sintetiza os comentários feitos pelos participantes de sua pesquisa constata que:

Alguns discursos, no entanto, também estão marcadamente ausentes, como perspectivas políticas que destacam a necessidade de mudança social. Em vez disso, os desejos de mudança são direcionados para longe da esfera sociopolítica e voltados para dentro. A crítica social é transformada em autocrítica, resultando em uma prevalência de insegurança e ansiedade. (p. 108)³⁹

Além disso, o ideal de “colaborador” não é apenas para aquele que sabe executar as funções do seu departamento, mas o que sabe administrar suas emoções, estar bem e ter entendimento sobre a cultura. Há uma exigência contemporânea em termos do profissional que vai muito além das competências e habilidades na execução de suas funções. Lidar com as subjetividades parece ser o elemento chave para conquistar lugares maiores na carreira. No discurso da TSOI a Inteligência é muito importante, o profissional de hoje é o próprio trabalho, efetuado em si mesmo, ou seja, é o empreendedor de si. Este como sendo um empreendimento moral que se dá sobre a subjetividade, constituindo-a como a maior chave para que o indivíduo seja bem-sucedido na empresa, porém, sem, necessariamente ter um laço com ela. Algumas reflexões em torno disso são: seria essa uma configuração contemporânea das relações de trabalho? É uma forma da empresa investir no colaborador e se desonerar de qualquer responsabilidade que eventualmente possa ter sobre ele, no que tange à direitos e até mesmo saúde?

Com base nas descrições dos workshops profissionais é possível observar que os estudos são voltados as mudanças de aspectos mentais dos indivíduos, ou seja, buscam identificar os entraves da mente e do emocional que impossibilitam um melhor desenvolvimento pessoal no âmbito do trabalho. Segundo a The School of Life, é necessário modelar-se a ponto de conseguir obter uma mente que é focada no crescimento, a qual enxerga todos os obstáculos como aprendizado. A falta de otimismo é apontada como um mecanismo da mente, o qual faz a realidade parecer pior do que ela realmente é.

Ser determinado, calmo e flexível para tomar boas decisões, lidar com os erros e os desafios encontrando maneiras de solucioná-los, manter uma boa relação entre todos os membros da equipe, saber os pontos fortes e fracos, ter respeito, valorizar o trabalho e se mostrar disponível para atender as necessidades do outro, saber ensinar, aprender e comunicar com clareza e de forma persuasiva e atrativa, são algumas das características que a TSOL aponta como primordiais para criar um “estilo e valores de liderança” únicos dentro de uma empresa. O apoio fortalecido com uma escuta ativa, ou seja, aquela que se

³⁹ Tradução minha.

atenta, mostra interesse, curiosidade e profundidade na entrega é essencial para formar relações de maior confiança. Tudo isso possibilita um diálogo mais humilde, o qual é possível dar bons conselhos e apontar as críticas de forma assertiva, tornando os trabalhadores mais “competentes, produtivos e eficazes”. Desta forma, é possível criar um ambiente empresarial que gera bons resultados, menos desentendimentos e julgamentos, fortalecendo uma gestão autêntica que passa confiança e constituindo o que é chamado de uma “força de trabalho produtiva” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021).

A noção de buscar manter uma vida em equilíbrio dessa escola reforça a ideia de que se a vida pessoal e as relações sociais dos indivíduos estiverem bem resolvidas o trabalho também fluirá. Ou seja, o desenvolvimento de si mesmo, como por exemplo, se autoconhecer, aprender a ser calmo, se comunicar melhor, entre essas tantas outras habilidades citadas acima, é o caminho para a realização pessoal e para a melhoria do ambiente de trabalho nas empresas.

Além disso, com relação ao trabalho a TSOL enfatiza que é importante refletir sobre o que ele ocasiona de bom no mundo e sua relevância, encontrar um sentido nas funções que se exerce e entender o porquê de escolhermos estar ali, pois é esse movimento que pode promover uma conexão entre os valores pessoais e profissionais, os quais trazem motivação e satisfação a longo prazo. São esses aspectos que diferenciam um trabalhador produtivo, porque segundo a The School of Life quando há propósito no que se faz os indivíduos tendem a dar o melhor de si e isso conseqüentemente melhora a qualidade e bem-estar da vida como um todo.

Há uma problemática envolta dessa forma de pensar que a TSOL propõe, pois ela individualiza uma escolha que muitas vezes vai além dos desejos, envolvendo questões básicas e sociais de sobrevivência. Por exemplo, nos cursos é ressaltado a necessidade de encontrar um sentido no trabalho, tentar encaixar os valores e encontrar uma motivação nele. Após isso, se realmente não for possível encontrar uma identificação na profissão atual, é que se começa a pensar e cogitar novas profissões e empregos. No entanto, esse pensamento desconsidera que muitas pessoas não possuem a condição de escolha, porque passam por dificuldades mais urgentes, dentre elas a fome, a falta de moradia, de estudo, de condições básicas de saúde e entre tantas outras mais. Essa ideia do “encontro profissional” não é para todos, reforçando mais uma vez que a plataforma dialoga com um público específico. Além disso, torna-se muito perigoso querer apenas encontrar um sentido diante dos trabalhos atuais, os quais não asseguram os direitos básicos do trabalhador, onde encontra-se muita exploração e assédio.

Em suma, são assuntos que propiciam debates profundos, os quais tem raízes históricas, sociais, culturais, econômicas e políticas, ou seja, reforçando a necessidade de compreender a complexidade dos fenômenos e refletir sobre a possibilidade de uma mudança estrutural na sociedade, não sendo apenas uma questão de mudança ou escolha individual. A lógica de que é o comportamento individual que vai ocasionar transformações no universo do trabalho é muito simplória. É preciso identificar as variáveis que influenciam esses processos como um todo em um movimento integrado.

Com relação aos workshops profissionais, segundo a The School of Life, além do conteúdo teórico há exercícios em grupos, votações em pesquisas e momentos de conversas, perguntas e trocas entre todos os participantes. São disponibilizados materiais com atividades que auxiliam na assimilação do que foi aprendido na aula e para que as pessoas pratiquem as habilidades emocionais no cotidiano. “Você só precisa de um laptop e uma conexão à internet” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Nessa fala é possível identificar que essa ideia de que “só precisa” desconsidera a realidade social do Brasil, em que não são todas as pessoas que possuem à sua disposição um laptop e conexão de internet, demonstrando mais uma vez que estão em busca de captar um público específico.

Na aba “para empresas” do site da plataforma existem dois comentários sobre os workshops, um de uma multinacional de cosméticos: “Foi emocionante e alguns consideraram o momento mais importante do ano. Muito reflexivo e prático”; e o outro de uma multinacional de saúde: “Tivemos uma virada de chave e um momento de aprendizado muito importante. O time amou o workshop, a forma como foi conduzido e o formato”. O feedback das organizações é positivo e aponta para uma satisfação com relação às aulas da The School of Life, mas pouco se fala sobre como esses conteúdos dialogam de fato com a realidade e sua efetividade quando aplicados no dia a dia

Para a TSOL o bem-estar emocional tem relação direta com encontrar um significado e uma motivação no trabalho. Por isso foi separado os cursos que mais refletem sobre esses aspectos, os quais foram descritos anteriormente na Tabela 6. São aulas que envolvem bastante o “eu”, uma busca por compreender-se e de práticas individuais que ajudam nesse processo. A descrição delas sempre reforça que é preciso mudar a forma de pensar e lidar com os sofrimentos psíquicos, ou seja, individualizando os problemas. E mesmo quando citam situações como as “incertezas do mercado e do futuro do país”, que correspondem a fatores externos que podem ser causas de adoecimentos, as soluções e o que precisa ser modificado vem do interno, como uma auto

responsabilização. Portanto, o foco deve ser na mudança mental, pois esta é a causadora de ansiedade, depressão, burnout, entre outros.

Essa autonomia para lidar com o âmbito profissional que foi desenvolvida com as transformações da estrutura social e do mercado, segundo Cabanas e Illouz (2019, p. 99), foi uma forma que as empresas encontraram “de responsabilizar os trabalhadores pelas contingências e contradições decorrentes da alta instabilidade e competitividade do mercado”⁴⁰. Decorrente disso, colocam a culpa no trabalhador de não ter um emprego melhor, por conta de não ter se qualificado o suficiente ou por não estar se atualizando.

Outro serviço da TSOL para empresas é a jornada de liderança que é uma série de gestão, a qual tem como foco o ensino de habilidades emocionais para pessoas que assumem cargos de “líderes atuais e aspirantes – gerentes, executivos, chefes de departamento e empreendedores” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021). Nas aulas também há momentos de discussão e realização de atividades. Segundo o site da plataforma, para além de aprender essas habilidades o intuito é que seja possível “incutir as mesmas habilidades em outras pessoas dentro da organização”. Ou seja, o ambiente da empresa também passa a ser educativo, possibilitando o treinamento dos trabalhadores.

Essas análises vão de encontro com o que é discutido por Cabanas e Illouz (2019, p. 102/103), os quais demonstram que a subjetividade que está sendo desenvolvida e consolidada pelo universo mercadológico do trabalho “está intimamente ligada à nova ética do capitalismo, ao ethos empreendedor da cultura neoliberal, a institucionalização do trabalho emocional no local de trabalho e as novas demandas de controle, responsabilidade e gerenciamento e energia nas empresas”⁴¹. E isso é exatamente o que a The School of Life está abordando e propondo oferecer em seus serviços.

Por fim, as descrições das palestras disponibilizadas para empresas continuam a reforçar que o sucesso depende do indivíduo. A The School of Life leva em consideração a “dinâmica psicológica do local de trabalho”, pois em sua visão, esta é responsável pelo comportamento do trabalhador, mas não refletem e nem problematizam sobre as organizações em si ou as regras do mercado da sociedade atual, pois não é seu propósito. Além disso, o espírito de colaboração é suscitado em diversos momentos, de como é preciso juntos, em equipe “superar obstáculos e alcançar um objetivo comum”, quando na verdade isso corresponde mais aos objetivos e interesses da empresa. Esse pode ser

⁴⁰ Tradução minha.

⁴¹ Tradução minha.

compreendido como o movimento realizado para internalizar os valores da instituição na vida do indivíduo.

As 20 habilidades emocionais do século XXI

A The School of Life oferece serviços personalizados e específicos para empresas, principalmente em formato de workshops, como explicitado acima. Para tal, utilizam como base as 20 habilidades emocionais que acreditam serem necessárias para o século XXI. De acordo com a brochura disponibilizada no site da plataforma, a qual descreve como funcionam os cursos, o intuito é trabalhar questões emocionais como forma de melhorar a produtividade das pessoas dentro das empresas. Esta seção tem como objetivo descrever e analisar esse material.

A Tabela 7 tem como finalidade apresentar de forma sucinta a descrição do que é trabalhado em cada workshop de habilidades emocionais de acordo com o que está exposto no material da brochura. A intenção é ficar mais claro como a TSOL as entende e como as ensinam. Para cada habilidade há um workshop específico, os quais podem ser feitos individualmente ou escolhidos com base nas necessidades de cada empresa.

Adaptabilidade Saber lidar e aceitar mudanças, incertezas e obstáculos	Calma Ser mais tranquilo nas dificuldades e lidar com obstáculos com menos raiva	Carisma Ser mais carismático para comunicar melhor as ideias, ter mais charme e encorajar	Comunicação Aprender a transmitir mensagens com clareza, respeito e paciência
Confiança Aprender a ter mais confiança e evitar a autossabotagem	Criatividade Aprender mitos e realidades sobre o processo criativo e estratégias para novas ideias	Decisões Identificar barreiras nas tomadas de decisões e criar mentalidade confiante	Diplomacia Aprender a identificar conflitos e solucioná-los com empatia, humor e educação
Eficácia Identificar barreiras emocionais e psicológicas ao concluir as coisas	Eloquência Aprender a falar mais claramente e de forma mais engajadora	Empatia Usar a empatia para conexões, conflitos, convencer e persuadir	Espírito Empreendedor Aprender a ter ideias que sejam compatíveis com o que o cliente precisa
Inovação Mostrar todos os passos do que fazer quando novas ideias surgem	Liderança Refletir sobre o que é ser um bom líder e aprender a comunicar um propósito	Objetividade Aprender a separar os sentimentos da realidade em si	Descontração Utilizar o brincar para relaxar, aliviar o estresse e gerar novas ideias
Propósito Conectar o propósito da empresa com o do trabalhador no dia a dia	Resiliência Aprender novas formas de lidar com as dificuldades, criar uma nova mentalidade	Autoconsciência Conhecer a si mesmo em profundidade, reconhecer as barreiras e meditar	Apoio Aprender a apoiar e escutar com profundidade e atenção

Tabela 7. Habilidades emocionais trabalhadas nos workshops da The School of Life.

A partir do que está estruturado nessa brochura, fica claro que a proposta é ensinar as pessoas a se tornarem mais motivadas, produtivas e com uma vida saudável e em

equilíbrio. Para isso, segundo a TSOL, os indivíduos precisam aprender a se adaptar ao novo, ter calma frente às situações, ter carisma para acessar o outro e conseguir convencê-lo, se comunicar de forma clara e respeitosa, confiar mais em si mesmo, aprender a ser mais criativo e inovador nas ideias, decidir de forma mais consciente, ser diplomático para resolver conflitos mais tranquilamente, ser mais eficaz e eloquente para atingir e influenciar mais pessoas, ser empático para se relacionar com todos a sua volta, resolver problemas e persuadir, ter uma visão empreendedora para entregar o que o cliente necessita, liderar, ser objetivo frente as situações que surgem, ser descontraído no dia a dia para ficar mais relaxado e menos tenso pois isso aumentará a produtividade, ser resiliente com os problemas, conhecer-se internamente, apoiar os outros e vincular o propósito da empresa com o seu próprio.

Ante o que foi exposto, fica perceptível que para a TSOL todos esses objetivos que as pessoas precisam atingir através dessas habilidades a serem desenvolvidas são de cunho individual, ou seja, tudo depende apenas do sujeito, fica a cargo dele transformar seu modo de pensar, sentir e agir. O foco é em conhecer os padrões que cada pessoa carrega consigo e modificar a mente e os comportamentos para que seja possível mudar o ambiente a sua volta e obter uma qualidade de vida melhor. São essas características, segundos essa escola, que irão diferenciar uma pessoa bem-sucedida, pois elas determinam o nível de sucesso e de felicidade.

Ao desenvolver essas habilidades emocionais a The School of Life garante que fatores emocionais e psicológicos que afetam os trabalhadores em seu dia a dia passam a ter menos influencia no ambiente de trabalho. Os workshops disponibilizam ferramentas, técnicas e estratégias para a resolução de conflitos e questões mal resolvidas em todas as áreas da vida das pessoas que atrapalham a produtividade dentro da empresa, melhorando seu cotidiano como um todo.

Outra opção disponível para as instituições são as palestras, sendo elas sobre “Inteligência Emocional no Trabalho” que tem como objetivo ajudar os trabalhadores a voltar-se mais para si e para questões cotidianas com mais atenção; “O poder da Colaboração” que faz uma retomada sobre o tema da colaboração e aponta técnicas para melhorar o ambiente de trabalho; e “Agilidade em Tempos de Mudanças” para que as pessoas se adaptem e saibam lidar com o mundo tecnológico atual, o qual muda muito rapidamente.

Ao final da brochura são descritos alguns dados de pesquisas da própria The School of Life, de um estudo de Robert Half com 387 profissionais do Brasil em maio de

2020 e de uma pesquisa da Talenses Group com 451 profissionais do Brasil também em maio de 2020. O objetivo ao trazer esses dados percentuais é reforçar o porquê o ensino de habilidades emocionais é tão importante atualmente para o engajamento e sucesso das empresas e como aumenta a motivação das pessoas para trabalharem, encorajando-as a aderirem aos workshops.

Segundo a The School of Life “80% dos entrevistados concordam que são mais produtivos quando trabalham em equipes que aproveitam suas habilidades criativas”, outros “71% dos entrevistados disseram acreditar que trabalhar em equipes lideradas de maneira diplomática permite que todos os indivíduos envolvidos cresçam”, e “70% concordam que ter um gestor autoconsciente os deixa mais felizes no trabalho”, mas não apontam quantas pessoas foram entrevistadas para o estudo. Os dados são rasos e não há explicação de como a pesquisa é realizada, o que torna difícil a confiança no que é exposto.

Já na pesquisa com os 387 profissionais é detectado 3 habilidades mais importantes a serem desenvolvidas, sendo elas: pensamento estratégico (69%), inteligência emocional (68%) e inglês (68%). Nesta também são apontados os obstáculos mais enfrentados por conta da pandemia, os quais são: impacto na saúde mental dos colaboradores (43%), perda de engajamento (18%), perda de motivação (16%) e queda de produtividade (15%). Aqui os dados são mais claros, mas são poucas pessoas entrevistas e percebe-se que os obstáculos estão todos na esfera do individual.

E, por fim, na pesquisa com os 451 profissionais que apontam os dilemas que enfrentam no trabalho, os resultados são: “77,8% estão se sentindo pressionados para tomar decisões ágeis em decorrência da pandemia”, outros “100% dos entrevistados já sentiram ansiedade, medo, angústia ou pânico”, e “42,35% dos entrevistados acreditam que não há espaço para compartilhar esses sentimentos com colegas de trabalho”. Todos os problemas trazidos por esses dados, segundo a The School of Life, são possíveis de serem resolvidos e minimizados com a aderência aos serviços da plataforma, os quais irão capacitar as pessoas emocionalmente para lidar com essas questões.

A The School of Life tem empresas grandes e famosas como seus clientes, como por exemplo, a Nestle, Natura, Hering, Visa, Facebook, Google, Ford, Heineken, Ipanema, O Boticário, Claro, Senac, Globosat, Nubank, entre outros. Portanto, percebe-se que é um público diferenciado, essa escola têm nome e são reconhecidos por marcas muito fortes e procuradas no mercado. São empresas que possuem condições de investir nestas formações e, também, compactuam com as ideias da própria plataforma, a qual

menciona ter como objetivo “criar um tipo de capitalismo mais inteligente” (THE SCHOOL OF LIFE, 2021), ou seja, os interesses correspondem e se complementam.

O trabalho e a estrutura do mercado

As transformações da estrutura social e da cultura repercutem na economia e no universo do trabalho. Segundo Cabanas e Illouz (2019, p. 96), inicialmente o foco era nas pessoas se encaixarem nos respectivos trabalhos disponíveis. Depois, com o desenvolvimento de novas teorias foi fazendo com que o olhar mudasse para um “estilo de gestão focado principalmente no trabalhador – isto é, em como adaptar o trabalho às necessidades motivacionais, emocionais, afetivas e sociais do próprio trabalhador”⁴². Ou seja, era um discurso mais voltado à importância de o trabalho satisfazer as necessidades das pessoas para que elas correspondessem às expectativas da empresa, o que geraria maior lucro a ela. No entanto, esse tipo de pensamento custava às organizações, pois precisariam oferecer segurança e estabilidade aos trabalhadores.

Diante deste impasse, surge o que Cabanas e Illouz (2019) chamam de “capitalismo flexível”, o qual tem como objetivo transferir essa responsabilidade ao indivíduo e colocar a culpa da instabilidade e não seguridade na falta de capacitação, pois na corrida contra o tempo e com a lógica da competitividade se sai melhor quem tem habilidades mais aprimoradas, as quais ficam a cargo de cada um desenvolver individualmente. Portanto, os trabalhadores passam a ser vistos como capital humano e se tornam mão de obra mais barata no sentido de que as empresas não precisam assegurar direitos básicos, não se preocupam em oferecer suporte às suas necessidades e não se responsabilizam por capacitar a equipe, ou quando o fazem é com o objetivo claro de aumentar a produtividade do trabalhador.

Nas palavras de Cabanas e Illouz (2019, p. 98) “Era necessário, portanto, acabar com a suposição de que as maiores necessidades dos indivíduos se baseavam na segurança econômica e trabalhista”⁴³. Foi dessa forma que as organizações deixaram de se responsabilizar pelo trabalhador. Esse é o momento em que o indivíduo passa a ser compreendido como empresa e tudo depende dele. Isso gera uma sensação de liberdade individual, mas na verdade é um movimento que serve para retirar a responsabilidade do Estado e das instituições e colocar a cargo do sujeito a obrigação de se qualificar e se

⁴² Tradução minha.

⁴³ Idem.

adequar às novas demandas do mercado. A partir disso, muitas pessoas se encontram em trabalhos precários, com risco de vida, sem segurança, se sentindo culpadas e frustradas por sua situação, sem conseguir enxergar outras variáveis que permeiam essas problemáticas. Não há espaço para todos terem uma boa qualidade de vida nessa ideia do empreendedorismo.

A felicidade, segundo Cabanas e Illouz (2019), aparece como o aspecto norteador, o qual é responsável por trazer qualidade de vida e sucesso profissional, sendo a chave. Como consequência, nesse formato de economia é o autocontrole emocional que possibilita a sobrevivência no mercado de trabalho hoje. Isso fortalece a ideia de que o que precisa mudar não é a empresa e nem o universo mercadológico, mas sim as pessoas e o conceito de ser feliz. Essa perspectiva corresponde exatamente às propostas da The School of Life, as quais destacam que o desenvolvimento da inteligência emocional é propulsora da felicidade e de uma vida mais equilibrada e saudável.

Nas palavras de Cabanas e Illouz (2019, p. 100) “a linguagem psicológica das emoções, criatividade, flexibilidade cognitiva, autocontrole etc.”⁴⁴ Tem como objetivo camuflar os problemas advindos dessa estrutura do mercado e é sobre os trabalhadores que “recai a responsabilidade de se adaptar às condições de injustiça, precariedade, exploração, desigualdade e competitividade promovidas pelas próprias empresas”⁴⁵. Essa noção da felicidade como produtora de trabalhadores ideais pode acabar por trazer maior sofrimento psíquico aos indivíduos, pois estes podem se culpar por não estarem felizes e pelas condições em que trabalham, desconsiderando o contexto.

Diante disso, mesmo que a The School of Life utilize de argumentos e ferramentas mais intelectualizadas – no sentido de se apropriarem de materiais desenvolvidos pela cultura e pelos diversos tipos de saberes – em seus métodos de ensino, é abarcado um aspecto mais individual e não social. Ou seja, existe uma breve crítica em seus discursos sobre algumas características da estrutura social vigente, mas é por uma via de individualização, a qual tem como objetivo desenvolver uma subjetividade mais consciente em termos de emoções e consumo, porém pouco questiona as desigualdades, os trabalhos precarizados e outros problemas enraizados, pois não é o foco deles. Uma hipótese do que talvez esteja se formando neste cenário é que essas mudanças individuais possa estar tendenciando a “subjetivar uma nova estrutura produtiva” voltada ao empreendedorismo de si mesmo, com um foco na autorregulação.

⁴⁴ Tradução minha.

⁴⁵ Idem.

Considerações Finais

As reflexões propostas por essa pesquisa e o caminho que ela percorreu demonstrou que nesse campo os discursos emocionais são moldados por interesses específicos e são transmitidos através das mídias digitais como forma de atingir um público mais abrangente, caminhando em busca de disseminar um nível ideal de pessoa feliz, saudável e equilibrada. O indivíduo é educado para o mercado de trabalho, para se adaptar ao universo mercadológico e não para se desenvolver enquanto ser social em todas as suas potencialidades e se conscientizar de forma crítica do meio em que vive, de aspectos culturais enraizados e aprender os saberes historicamente acumulados.

As mídias digitais e a cultura se relacionam, elas não são apenas transmissoras de padrões de comportamento, mas se desenvolvem diante de processos de mediação das relações sociais e incitam usos intensamente emocionais. Portanto, a pedagogia que acontece pelas mídias digitais é relacional e ocorre devido a processos culturais amplos que tem como finalidade construir uma subjetividade voltada ao mercado.

A The School of Life faz um uso social das mídias digitais, ou seja, utiliza desse espaço para aplicar seus serviços como forma de desenvolver os sujeitos individualmente. Além de ajudar as empresas a serem um espaço educativo no sentido de adaptar seus trabalhadores às novas exigências do mercado, encaixando também a si mesmo a essas novas demandas, para que continuem crescendo e lucrando, ganhando espaço e avançando nesse meio competitivo. O foco desse ensino parece ser no indivíduo, em seu cuidado e na satisfação de suas necessidades, mas isso tem o fim exclusivo de aumentar a produção e manter a economia da exploração e do lucro funcionando. Essa lógica transpassa o universo do trabalho e se estende à todas as áreas da vida, como a própria escola sugere.

As emoções são vistas de modo determinante para a The School of Life, como forma de construção das subjetividades contemporâneas, com vistas a construir um sujeito produtivo, minimamente intelectualizado – no que diz respeito à esfera emocional – e que saiba gerir-se emocionalmente de maneira positiva, tendo um maior autocontrole de seus comportamentos. O objetivo é se adequar à realidade social e ser desejável ao mercado de trabalho que está cada vez mais disputado, e, também, num contexto de capitalismo afetivo, se tornar mais desejável no âmbito amoroso.

A The School of Life não é estática e todo o seu conteúdo visa atingir um perfil específico, como forma de gerir as emoções, podendo se constituir como um mercado em

que há investimento emocional por parte os sujeitos que utilizam desses serviços. Diante disso, “a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca” (ILLOUZ, 2011, p. 8). Seguindo a mesma ideia de haver uma mercantilização dos afetos, segundo Illouz (2011) ou como demonstra Djick (2016) uma mercantilização dos relacionamentos, esse estudo aponta para a formação de um mercado das emoções.

Portanto, nesse mercado o ensino é direcionado ao conhecimento de si mesmo e dos próprios sentimentos, com o foco no controle das próprias emoções, ou seja, é uma proposta que tende a retirar o aspecto social, político e público que compreende a educação em si, voltando-se somente para o indivíduo. E nesse sentido, como aponta Bonelli (2003) o manejo dessas emoções no formato institucionalizado tem como objetivo o ganho financeiro. Ou seja, esse autoaprimoramento segue a lógica desse formato de sociedade em que estamos inseridos, em que até mesmo as emoções sigam regras e padrões que tornem os indivíduos mais adaptáveis ao trabalho e ao amor.

Referências

- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <[BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf \(mec.gov.br\)](#)>. Acesso em: julho/2021.
- BOYD, Dannah. Caps. 5, 6 . In: **It's Complicated: The Social Lives of Networked Teens**. New Haven: Yale University Press, 2014.
- BONELLI, Maria da Gloria. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. *Cadernos Pagu*, pp. 357-372, 2003.
- BUCKINGHAM, David. Introdução; Parte I, Parte II. In: *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educ. Real**. Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010.
- CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happycracia: Cómo la ciência y la indústria de la felicidad controlan nuestras vidas**. Barcelona: Editorial Planeta, 2019.
- DJICK, Jose Van. La producción de la socialidad en el marco de uma cultura de la conectividad. In: **La cultura de la conectividade: uma história crítica de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo ventieuno, 2016, pp. 11-29.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994. vol 1.
- FACIOLI, Lara Rodrigues.; PRADO, Juliana do. Usando bem, que problema tem? Pânicos morais, mídias digitais e juventude no Brasil. **Interfaces da Educação**. Paranaíba, v. 9, n. 25, p. 158 183, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **As técnicas de si**. 1988. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/tecnicas.pdf>> Acesso em junho/2021.

HALL, Stuart. A CENTRALIDADE DA CULTURA: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG Brasília, 2003.

ILLOUZ, Eva. **O AMOR NOS TEMPOS DO CAPITALISMO**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

KENSKI, V. M. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.** Campinas, v. 29, n. 104, p. 647-665, out. 2008.

MALANCHE, Julia; DUARTE, Rita de Cássia. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: formação ou conformação ao ideário do capital? **Momento: diálogos em educação**, v. 27, n. 2, p. 15-34, mai./ago, 2018.

MACKENZIE, Donald; WAJCMAN, Judy. **Introductory essay: the social shapinf of technology**. Buckingham, UK, 1999.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc.** Natal, v. 12, n. 2, p. 09-22, jul./dez. 2011.

MISKOLCI, Richard. Sociologia Digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 6, n. 2, p. 275-297, jul./-dez. 2016

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 06, n. 12, jan-abr/2018.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 25- 36, 2002.

OLIVEIRA, Mauro Antônio.; OLIVEIRA, Jailma Nunes Viana. Mídia e educação no universo escolar: discutindo o uso do computador na prática pedagógica. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**. Mossoró, v. 3, n. 7, p. 103-113, 2017.

PACHECO, André Luiz.; DERISSO, José Luis. NEGAÇÃO DA LAICIDADE, PENSAMENTO AUTORITÁRIO E DESCARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA NO BRASIL. **RPGE - Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 22, n. 2, p. 646-667, maio/ago., 2018.

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 54, n. 3, p. 305-316, set/dez 2018.

PATTO, M. H. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T & A Queiroz, 1990.

PRADO, Juliana do. **DOS CONSULTÓRIOS SENTIMENTAIS À REDE: apoio emocional pelas mídias digitais**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Estudos feministas**, 2001.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr., 2009.

SCHARFF, C. The Psychic Life of Neoliberalism: Mapping the Contours of Entrepreneurial Subjectivity. **Theory, Culture & Society**, v. 33, n. 6, pp. 107-122, 2016.

SLEE, Tom. Uberização: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo, Elefante, 2017. Caps. 1 e 2.

THE SCHOOL OF LIFE. The book of life. 2021. Plataforma de conteúdo digital. Disponível em: < Educação Emocional: Uma Introdução - Os Artigos da Escola da Vida | Anteriormente O Livro da Vida (theschooloflife.com)>. Acesso em julho de 2021.

THE SCHOOL OF LIFE. **The School of Life**, 2020. Plataforma de conteúdo digital. Disponível em: <https://www.theschooloflife.com/saopaulo/>. Acesso em: 08 de setembro, 2020.

THE SCHOOL OF LIFE. **The School of Life para Empresas: Habilidades Emocionais para o Século XXI**, 2021. Brochura. Disponível em: <https://www.theschooloflife.com/saopaulo/empresas/>. Acesso em: 30 de março de 2021.

WILLIAMS, Raymon. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Cap 1.